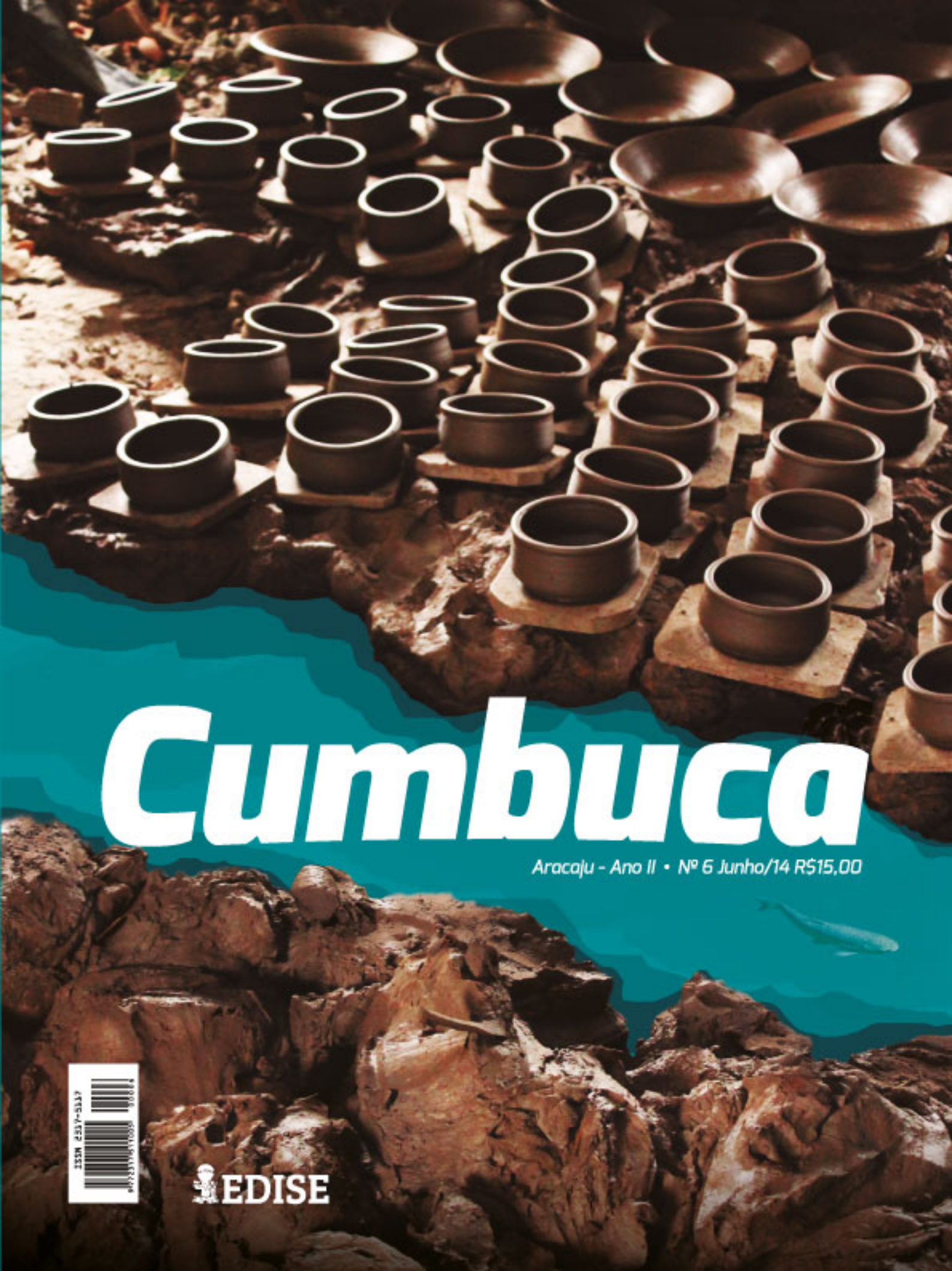




Cumbuca

Aracaju - Ano II • Nº 6 Junho/14 R\$15,00



 **EDISE**

 EDISE
Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico

Ananda Barreto

Clara Macedo

Felipe Ferreira

José Clécio

Designer Convidado: (Teaser Propaganda)

Ilustradores: Felipe Ferreira e José Clécio

Revisão

Rosilene Santos

Vanessa Góes

Assessoria Técnica

Jeferson Melo

Consultores nesta edição:

Ana Libório

Carlos Cauê

Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Tito Garcez • Aglaé d'Ávila Fontes • Gilfrancisco • Aglacy Mary • Ramon Diego • Ronaldson • Lavínia Souza Cruz • Adelman Kenobi e Maíra Ezequiel • Raquel Passos • Antonio Passos • Vieira Neto • Petrónio Gomes • Tereza Cristina Cerqueira • Juliana Almeida • Hélio Dória Maciel

Cumbuca

Ano II | Número 6

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Jorge Carvalho do Nascimento

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Carlos Alberto Leite Prado

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

Ao Leitor

O artesanato em cerâmica produzido em Santana do São Francisco – antiga Carrapicho –, às margens do Velho Chico, abre esta edição de *Cumbuca*. Matéria assinada por Tito Garcez revela desde o envolvimento de quase toda a população no manuseio do barro, até os tradicionais processos de produção que tornam a elogiada cerâmica de Carrapicho no principal item na economia daquela cidade.

O milho na culinária junina, importante característica na tradição cultural sergipana, é abordado pela pesquisadora Aglaé Fontes, que acrescenta à matéria algumas receitas da nossa autêntica cozinha, em tempos de São João.

Na literatura, *Cumbuca* 6 republica um artigo de Jorge Amado sobre a cidade de Estância, onde o escritor baiano, de ascendência familiar sergipana, se homiziou de perseguições políticas durante o Estado Novo. O pesquisador Gilfrancisco, responsável pela garimpagem do texto em velhos alfarábios, conta-nos um pouco da convivência de Jorge Amado em Estância. Ainda na literatura, os poetas Aglacy Mary, Ramon Diego e Ronaldson compõem com uma mostra das suas obras poéticas.

Na área das artes plásticas, a presença do escultor Antônio da Cruz, com sua multifacetada obra, e do excelente Jamson Madureira, um artista considerado *underground*, com relevante obra de estética desconcertante.

A cena musical está aqui representada pelo grupo Maria Scombona, com histórico do grupo e entrevista com o seu criador, Henrique Teles. Aqui, também, o leitor de *Cumbuca* encontrará um bem informado artigo sobre o surto musical acontecido em Sergipe no ano de 1984, incentivado pela realização do I Festival Novo Canto.

Uma homenagem a Rita Peixe, inquieta figura de decantada beleza, que se tornou decisiva para a modernização dos costumes sociais em Aracaju, abre a sessão de memórias, onde o cronista Petrônio Gomes relata os afazeres dos aracajuanos em eras passadas, seguido da Profª Cristina da Graça, que descreve as saudosas retretas na Praça Fausto Cardoso, nos anos dourados.

Encerrando esta edição, um interessante artigo abordando a presença da vaidade pessoal, narcisista, entre os usuários da rede social Facebook e uma instigante provocação, assinada pelo publicitário Hêlvio Dória Maciel, infelizmente falecido antes da publicação desta edição, questionando a necessidade da existência de uma arte genuinamente sergipana.

Boa leitura!

Amaral Cavalcante
Editor

26 - POESIAS

Aglacy Mary
Ramon Diego
Ronaldson

32 - ANTÔNIO DA CRUZ 40 anos de artes visuais

Lavínia Souza Cruz

46 - MARIA SCOMBONA: a reinvenção da música sergipana

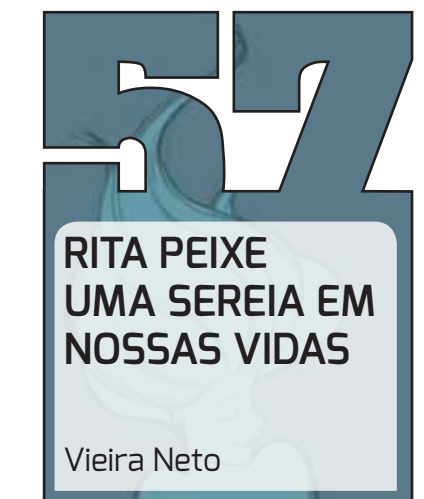
Raquel Passos

52 - 1984 E A CANÇÃO POPULAR EM ARAÇAJU

Antonio Passos

60 - O DOMINGO ERA ASSIM

Petrônio Gomes





CARRAPICHO, A CAPITAL SERGIPANA DA **CERÂMICA**

Texto e fotos: Tito Garcez



Santana do São Francisco, apesar de sua localização privilegiada à margem do Rio São Francisco e muito próxima de importantes cidades da região do Baixo São Francisco, como Neópolis, em Sergipe, e Penedo, em Alagoas, aparentemente não possui nenhum ponto turístico de destaque. Contudo, é nessa cidadezinha que, de acordo com o Censo 2010, possui apenas pouco mais de 7 mil habitantes, existe uma interessante manifestação da cultura popular. Lá, são confeccionados, artesanalmente, muitos dos itens de cerâmica que são encontrados em locais com um fluxo maior de turistas, como a própria capital do estado, Aracaju – que está a 125 km dali – mas que em Santana normalmente podem ser comprados por um valor de menos da metade do que costuma ser vendido em outros locais.

Antigamente, Santana do São Francisco era chamada de

Carrapicho, nome que ainda é dito principalmente pelos mais antigos, pois foi o nome da fazenda que lá existiu e de onde foi originado o povoado que levava o mesmo nome. A fábrica-

“Transitando pelas ruas, principalmente da área central, é possível constatar como a cerâmica faz parte da vida das pessoas, e isso justifica o fato de ela ser chamada de Capital Sergipana da Cerâmica.”

ção de objetos de barro é o que dá mais movimento à cidade, e é nesse ramo que boa parte dos moradores atua. Transitando pelas ruas, principalmente da área central, é possível constatar como

a cerâmica faz parte da vida das pessoas, e isso justifica o fato de ela ser chamada de Capital Sergipana da Cerâmica. São muitas as casas que, além de servir para moradia, foram transformadas em lojas e galpões. Nelas, é possível apenas comprar vasos, enfeites de jardim e de parede, bacias, fontes, entre tantas outras coisas, como também se pode observar a pintura dos objetos ou até mesmo a confecção desses, que é a parte mais interessante.

Para quem tem a curiosidade de observar todo o processo de produção, o ideal é visitar a chamada Cooperativa, que fica em um lugar “escondido”, não sinalizado, que só pode ser localizado pedindo informação às pessoas, sempre solícitas, nas ruas ou nas portas das casas. No galpão da Cooperativa é possível ver desde a matéria-prima – o barro –, que já foi preparada e passou um tempo “descansando”, até os itens já prontos. Os trabalhadores possuem funções bem





Com as mãos livres e sempre molhadas, eles “dão vida”, dão o formato rapidamente a coisas.



definidas e divididas. Existe o que “afofa” a massa para que esta seja trabalhada, bem como tem os que, em suas pequenas máquinas, são responsáveis por moldar e criar os mais variados objetos, com destaque para vasos e bacias. Enquanto isso, uns levam os itens para secar ao sol e outros carregam mais massa para cima e para baixo.

Sem dúvida, a melhor parte é observar a agilidade e experiência daqueles que são responsáveis por produzir os objetos. Com as mãos livres e sempre molhadas, eles “dão vida”, dão o formato rapidamente a coisas que, aparentemente frágeis, em um primeiro momento nos fazem pensar que podem não resistir à tamanha



velocidade e pressão, mas logo observamos que essas vão ficando bem sólidas quando os experientes artesãos prosseguem para a parte do acabamento. Finalizado esse processo, o item recém-criado é acomodado ao lado de outros iguais, e é assim que temos ideia da quantidade de objetos que são criados diaria-



mente. No galpão, podemos ver tanto um “exército de vasilhos”, quanto também um “exército de porquinhos”, quase prontos para serem abatidos, ou melhor, prontos para serem quebrados, afinal, acredito que eram dezenas de cofrinhos. Ao lado do galpão, foi montada uma loja onde é colocada à venda parte dos produtos feitos ali ao lado.

Caso o objetivo do visitante seja só conhecer um pouco do trabalho final dos artesãos da ci-

dade, logo na entrada dela é possível visitar um pequeno mercado que é o principal espaço da região para exposição e venda dos produtos que lá são fabricados. No mercado, são expostos, principalmente, os itens mais coloridos, por vezes extravagantes. Se o objetivo for ver e comprar objetos mais discretos, inclusive sem pintura, com aquela tonalidade natural da cerâmica, o ideal é visitar as casas/lojas e até mesmo a cooperativa.

Além de visitar o mercado, a cooperativa e as lojinhas, vale a pena fazer uma visitinha rápida à agradável praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora Sant’Ana, que possibilita uma interessante vista do Rio São Francisco. Bem perto dali, mais especificamente à direita dos fundos da igreja, é possível encontrar um pequeno mirante, que, além de ser um convite ao descanso, também serve para a apreciação do rio.

Por não estar muito distante tanto de Aracaju quanto de Maceió, pernoitar na cidade pode não ser necessário. Mas se a ideia for dormir por lá, como Santana, aparentemente, não possui nenhum meio de hospedagem, as duas outras cidades citadas no início do texto possuem algumas opções, com destaque para Penedo, que é, sem dúvida, o principal destino turístico do entorno.

Se a ideia for fazer um bate e volta, não é difícil chegar, tanto de Aracaju, como de Maceió. A partir de Aracaju, pode-se chegar – pagando aproximadamente R\$13,00 – através de linhas de micro-ônibus da Cooper-talse, que seguem das rodovias Velha e Nova, diretamente para Santana do São Francisco ou pode-se, ainda, tomar uma linha que vá a Neópolis – pois possui mais horários disponíveis – e de lá pegar um táxi ou mototáxi direto ao destino, que fica a poucos quilômetros. De carro, têm-se que seguir pela BR-101 e, depois, em frente a um posto da Polícia Rodoviária Federal,



entrar na rodovia SE-335, que dá acesso às cidades de Japoatã, Neópolis, Pacatuba, Ilha das Flores e Brejo Grande (onde fica a foz do São Francisco).

A partir de Maceió, tanto de ônibus como de carro, o melhor é seguir direto à cidade de Penedo e, de lá, atravessar o rio São Francisco em uma balsa, que não costuma demorar mais que 15

minutos para ir da margem alagoana à sergipana. O que pode demorar é a espera na fila (no caso de se estar de carro) em determinados horários. A travessia em automóvel “comum” custa aproximadamente R\$19,00.

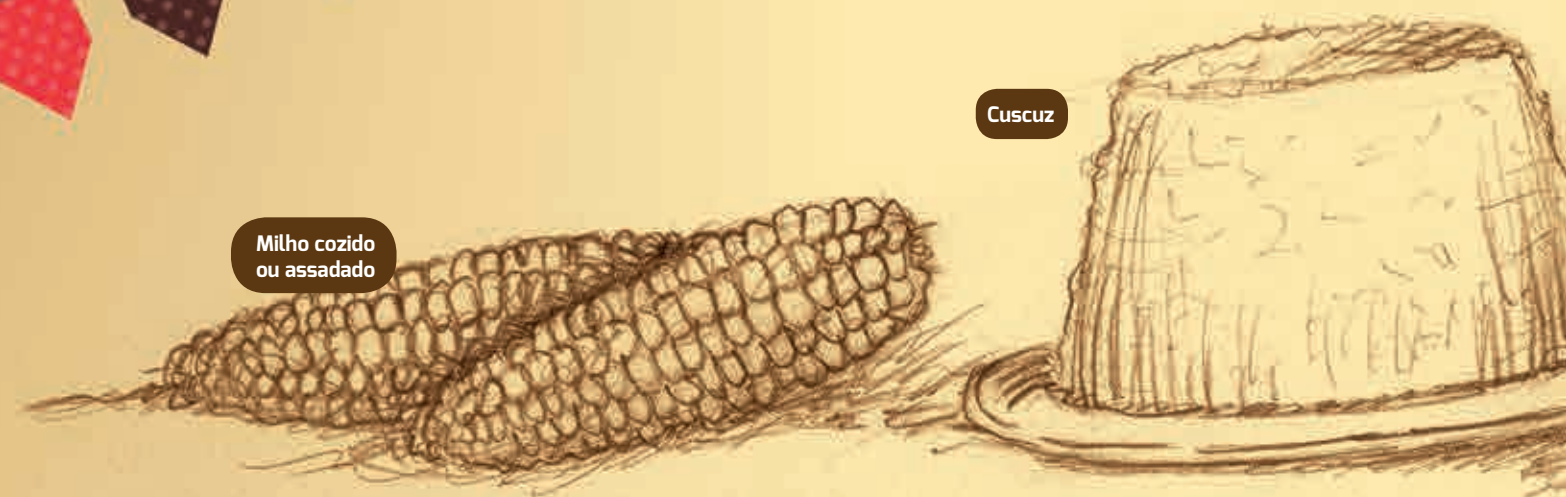
Enfim, Santana do São Francisco pode ser um local pouco conhecido e visitado, mas, com certeza, é um interessante desti-

no de interesse turístico não só por sua localização privilegiada e pelo fato de produzir itens que possuem total ligação com o Turismo, mas, principalmente, pela arte daqueles que trabalham com o barro, que prossegue de geração em geração e pelo modo com o qual tudo é produzido: Artesanalmente, tranquilamente... Faça uma visita! 

TEM CHEIRO DE MILHO NO AR

Aglaé d'Ávila Fontes

Ilustrações: José Clécio



Milho cozido
ou assadado

Cuscuz

Estava eu na cidade de Fafe, na região do Minho em Portugal, onde fui tomar parte no I Encontro Pedagógico de Teatro para a Infância e Juventude como palestrante, quando a convite de Moncho Rodriguez fui assistir a um Sarau da Memória, projeto comprometido com o resgate das histórias vindas do ontem, pela boca das mulheres com mais de 50 anos, habitantes da zona rural e urbana da freguesia de Altemia de Fafe.

De repente, o telefone móvel, – como chamam por lá – trouxe a voz de Amaral Cavalcante, atravessando o Atlântico, me lembrava do compromisso assumido em escrever para a Revista *Cumbuca*, de sua responsabilidade editorial, um texto sobre a culinária juni-

na. Reafirmei a entrega logo que retornasse e voltei ao encantamento do Sarau, ouvindo aquelas senhorinhas falarem sobre seus costumes, contos, histórias, versos, rezas, nos levando a comparações, referências e retorno a uma colonização que, especialmente da região do Minho, nos trouxe romances, cantigas, brinquedos, rezas e hábitos alimentares.

Lá, na região agrícola, existe também uma atividade que, sendo festiva, é justamente relacionada à colheita do milho, que tem o sugestivo nome de desfolhada. Em Portugal, o milho é semeado entre março e junho e colhido em setembro. As espigas são retiradas e levadas a eira, onde, de forma coletiva, com a alegria que a fertilidade da terra trás, é feita

a desfolhada, ou seja, a retirada das palhas, sendo depois o milho moído para se fazer farinha com mil utilidades culinárias.

No nordeste, plantamos o milho em 19 de março, dia de São José como tão bem canta Luiz Gonzaga:

*Vou plantar meu milho verde
No dia de São José
Se me ajuda a providência
Vamos ter milho à “grané” (granel)
[...]
Pelos “caico” (cálculos) eu vou
“coiê” (colher)
Vinte espiga em cada pé*

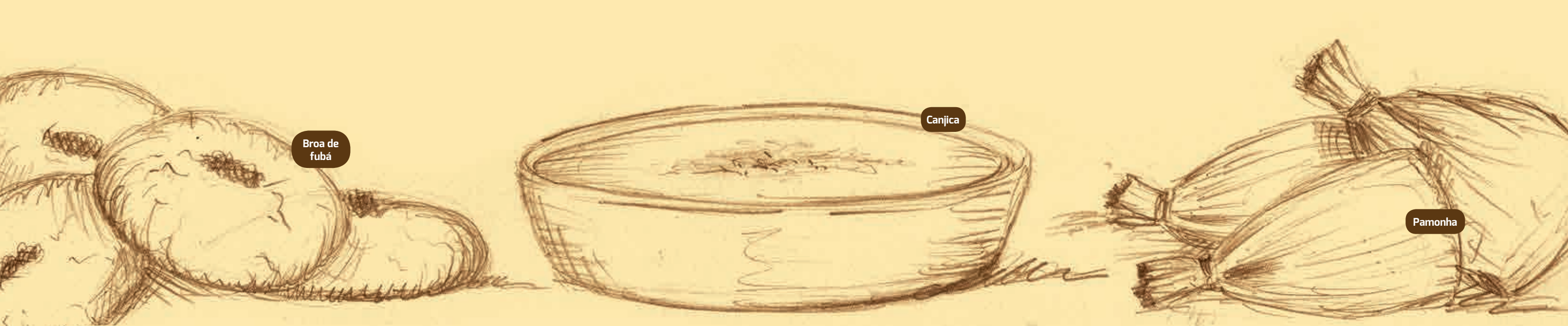
E esperamos para, em junho, colocarmos à mesa de várias formas.

A música de Luiz Gonzaga é também um canto à fertilidade,



Bolo de
milho

Pipoca



a fartura, o que permite que, em junho, o cheiro do milho adoce o ar, fazendo com que tradicionais receitas preencham a história da culinária do ciclo.

É importante ver como o milho se desvela em tantos sabores desde cozido com água e sal, ou assado nas brasas da fogueira, como transformado em bolo, pamonha, canjica, munguzá, manauê e pipoca. Ganha em cada um, sabor irresistível, típico da sua feitura.

Elementos que contribuem para essa valorização são o coco, o sal, o açúcar, a manteiga, o leite, e claro, o cravo e a canela, especiarias presentes desde a colonização e que, misturados ao milho, lhe dão um sabor inconfundível, completando a alegria

que vem da festa, da sanfona gêmeira num forró animado.

No compadrio, repetimos muitas vezes os versos que a tradição nos deixou, enquanto passamos de mãos dadas sobre as brasas da fogueira na noite dos sortilégios, onde as coisas mágicas acontecem.

*São João dormiu
São Pedro acordou
(fulano) é meu padrinho
Que São João mandou*

Após repetir três vezes, está sagrado o compadrio.

A presença do milho na celebração junina é tão forte que temos até lendas indígenas para justificar sua presença entre nós. Os índios Guaranis dizem que o guerreiro Avati,

saindo para procurar comida para sua gente com outro guerreiro, foi visitado pelo grande espírito Nhandeiará, que o avisou que os dois iam lutar e Avati morreria. Enterrado, faria surgir na sua cova uma planta que daria alimento a toda tribo. Era o milho, que em Tupi-Guarani se chama Avati.

Segundo a lenda, as primeiras espigas não deveriam ser usadas para se comer, mas guardadas para o replantio, dando continuidade ao alimento.

De igual forma, os índios Parecis também possuem uma lenda na qual a morte do cacique provoca, no enterramento do seu corpo, o nascimento de uma planta que dará alimentos a toda tribo. E assim, mistérios e crendices envolvem o milho.

O fato é que com lenda ou sem lenda o milho está presente no ciclo junino com força total, criando alimentos saborosos, e de grande beleza estética.

Antigamente, em Aracaju, o São João começava na porta da casa, a fogueira acesa, mamoeiro ou bananeira transplantado, fogos nas mãos dos meninos, e uma culinária diversificada onde os licores e sucos de frutas da terra não faltavam, como também o amendoim, a laranja e a tangerina.

Era costume social do ciclo a troca de gentilezas entre os vizinhos. Biscoitos, sequilhos, manauês, licores de jenipapo, de feitura doméstica, circulavam numa prática cultural marcada pela tradição.

Hoje, há uma redefinição do costume culinário, que está presente nas residências em todos os níveis sociais, mas também se deslocou para a rua onde barracas das chamadas comidas típicas oferecem durante o ciclo, os alimentos tradicionais.

Reafirmando a tradição, é possível encontrar carrinhos onde se vende milho cozido, canjica e bolo, pelas ruas da cidade, como uma nova maneira da cidade, viver o São João e sua economia. Existem também casas especializadas que permitem escolhas variadas dos alimentos do ciclo.

Pode-se dançar forró, quadrilha, enfeitar a rua com bandeiras, soltar fogos de chão, papoco ou de subida, mas em nenhum momento no São João

sergipano pode faltar à presença da culinária do ciclo, de forte riqueza e diversidade.

Porém, o milho não reina sozinho no período junino. Há também a puba, a macaxeira, que também são responsáveis pela presença de bolos e pés de moleque.

A diversidade culinária que possuímos, remanescente do período colonial, traz no seu bojo a feitura de licores, biscoitos, sequilhos e bolos, riqueza nascida nas cozinhas da Casa Grande, que atravessaram os tempos e, ainda hoje, fazem o encanto do nosso paladar no mês de junho.

Quando o cheiro do milho vai enchendo o ar, traz uma mensagem: São João chegou...!

É só aproveitar. 



Para quem quiser fazer **EXPERIMENTOS CULINÁRIOS** as receitas podem ajudar:

MANAUÊ

Ingredientes:

- Milho
- Leite de coco
- Açúcar
- Manteiga
- Sal

Como fazer:

Rale o milho e o coco. Peneire o milho e retire o leite de coco. Em seguida, misture o milho com o leite de coco, o açúcar, a manteiga e o sal. Leve ao fogo, mexendo até ficar bem consistente. Passe manteiga em uma forma colocando, logo depois, a massa e por cima ponha o leite de coco, levando ao forno.

MILHO COZIDO

Ingredientes:

- Milho verde
- Água
- Sal

Como fazer:

Descasque o milho, e reserve algumas palhas. Coloque em um caldeirão água com sal a gosto. Coloque o milho envolto em algumas palhas. Deixe ferver até cozinhar.

CANJICA

Ingredientes:

- Milho verde
- Leite de coco
- Açúcar
- Canela
- Manteiga

Como fazer:

Rale o milho e passe por uma peneira. Junte o leite de coco, o açúcar a gosto e um pouco de manteiga. Leve ao fogo e mexa sempre até ferver e ficar consistente. Coloque em travessa e ponha canela. Pode servir quente ou fria.

BOLO DE MILHO

Ingredientes:

- Milho ralado
- Leite de coco
- Manteiga
- Açúcar

Como fazer:

Rale o milho e passe na peneira. Junte o leite de coco e o açúcar a gosto. Leve ao forno em uma forma untada com manteiga.

BISCOITO DE MILHO

Ingredientes:

- 02 pires de farinha de milho
- 02 pires de trigo
- 150g de manteiga
- 150g de açúcar
- 04 gemas

Como fazer:

Bata a manteiga com o açúcar e acrescente as gemas. Depois o milho e a farinha de trigo. Amasse tudo até ficar macio e faça os biscoitos, levando depois ao forno.

PAMONHA

Ingredientes:

- Milho verde
- Leite de coco
- Açúcar
- Manteiga

Como fazer:

Descasque o milho e reserve algumas palhas, fazendo com elas um pequeno saquinho. Rale o milho e passe em uma peneira. Depois coloque o leite de coco, o açúcar a gosto e a manteiga. Coloque em cada saquinho feito com a palha um pouco dessa mistura, que deve ser consistente. Depois amarre o saquinho com um cordão e vá colocando-o numa vasilha com água fervendo para escaldar. As pamonhas estarão cozidas quando a palha ficar amarelada. Então é somente retirar os saquinhos e pôr para escorrer numa peneira. Para servir basta cortar o cordão.

DOCE EXÍLIO

Gilfrancisco

A permanência de Jorge Amado em Estância por duas vezes na década de trinta, esteve bem representada, motivo de justo orgulho para todos os estancianos. Depois de alguns meses de permanência na “cidade jardim”, em cujos meios sociais soube conquistar os mais vastos círculos de simpatia, desde os intelectuais até os empresários. Em Estância, Jorge e Matilde se hospedaram no Hotel Vitória, de propriedade de Juca Nunes e D. Pequena, pais

de Hernani, Nilza e Neuza, amigas do casal. Como qualquer outro hotel do interior, o Vitória era o principal da cidade e funcionou por mais de meio século. Em homenagem a Jorge, a rua onde antes ficava o hotel passou a se chamar Rua Jorge Amado.

Localizada na Rua Capitão Salomão, a Papelaria Modelo de propriedade de João Nascimento (pai de Rui e Cordélia) era a novidade da cidade, ponto obrigatório da turma da prosa, para lá se dirigia em



Gilberto Freyre, Anísio Teixeira e Jorge Amado.

UMA CORTINA SE ABRIU

Quando lancei meu livro “*Jorge Amado*” – *uma cortina que se abre*, não imaginava que o título suscitasse tanta curiosidade. Decorridos esses poucos anos, em que o presente em 22 estados, a pergunta infalível em noites de autógrafos é sempre sobre a cortina que se abre, o que conferia à obra um tom de mistério, indesejado.

Jorge Amado atrás de uma cortina? Vale investigar. Foi a que me propus.

Conheci o escritor desde a minha mais tenra idade, acompanhando-o pela vida afora, curtindo a intensidade de sua vida e obra literária. Uma lacuna, porém, sempre me intrigou.

Porque Jorge Amado, com a sua imensa fama, interpretado, noticiado, festejado, criticado ora com justiça, ora com o azedume dos invejosos de plantão, comunista muito ativo, logo, alvo da intolerância acadêmica, atravessou dois anos de confinamento político numa pequena cidade do interior de Sergipe, sem que uma linha sequer, da grande mídia, se houvesse ocupado, então, de seus passos.

As temporadas de Estância não foram apenas um doce exílio. Lá, escreveu quase todo *Os Capitães da Areia*, concluiu *Mar Morto* e recolheu os tipos que saltariam vivos das páginas de *Gabriela*, transferidos para *Ilhéus*. *Teresa Batista*, *Tieta do Agreste* tiveram geração estanciana

Eu, como filho da terra sergipana que o acolheu, ou seja, Estância, inconformado com esse silêncio, resolvi sair da inércia e abordei o assunto com o próprio escritor. Comprometimento, inclusive, a um ensaio biográfico sobre essa temporada provinciana, resgatando tudo aquilo que vinha ficando atrás da cortina, com o correr dos anos, como se nada tivesse acontecido de interessante ou importante nesse período esquecido.

Minha surpresa foi o acolhimento do meu propósito, ele aprovando e autorizando a realização do meu intento. E ainda, abençoou.

No meu livro, toda essa fase inicial está minuciosamente resgatada, abrindo a cortina de onde tiraria todos os fatos daquele período. Fatos reais, diga-se, a ficção não teve vez.

Do grande escritor Mario Cabral recebi uma generosa crítica ao livro, na época do lançamento, onde ele, em determinado momento, afirma:

“Sempre que, de agora para adiante, se escrever sobre a vida e a obra de Jorge Amado, será obrigatória uma consulta ao seu livro. A cortina quando se abre exibe o fundo do palco, a cena viva, a expressão maior da verdade. Não só o lado ficcional do romance.”

“Mas a verdade é que Sergipe, estando, realmente, tão ligado à obra amadiana – pela terra, pela gente, pelos modismos, pelas pessoas da vida real e à nobre e terna cidade de Estância – sempre esteve atrás da cortina que hoje se abre com o seu excelente livro”.

Palavras generosas do eminente mestre Mário Cabral, amigo e companheiro de Jorge em seus anos sergipanos, que aplaude o meu livro, creditando-me as primícias de ter aberto a cortina. Escrever esse ensaio foi, antes de tudo, uma jornada sentimental.

Rui Nascimento

busca de informações de toda espécie e, principalmente, para imprimir os folhetos e cartazes que divulgariam seus espetáculos. João era um jornalista autodidata ou, como o definiu Jorge Amado, “preferiu ser um homem feliz na mais feliz das cidades do Brasil: Estância”. Mas foi na residência de João onde Jorge Amado realizou vários saraus literários, alguns com a participação de músicos e acompanhados de comes e bebes, tudo patrocinado por ele. O renomado romancista mudou a rotina da cidade. Dessas tardes na Papelaria, Jorge conheceu outras figuras, que foram transportadas para as suas obras, a exemplo de: Capitão e Nhô-Galo. A lista dos que frequentavam a Papelaria é grande: Amintas, os irmãos Oscar e Maurício, Armando Simas, Capitão Hernani Prata, Raimundo Sotero, Pedro Soares, Jessé Fontes, Luiz Garcia, João Sacramento e outros.

Sua presença em Estância motivou um grupo de jovens estudantes do Atheneu Pedro II a organizarem uma caravana composta por membros do Grêmio Literário Clodomir Silva: Joel Silveira, João Batista de Lima e Silva, Paulo Reis e João Simões, para prestar uma homenagem ao romancista de quem tanto admiravam, encontro este relatado no livro de memória *Na Fogueira* (1998). Vejamos um trecho do que diz Joel Silveira:

“Estava parcialmente aberta à porta do casarão de várias janelas, moradia sergipana do coronel João Amado, pai de Jorge Amado, bem defronte do então limpo e sonoro rio Piauitinga. Olhamos lá dentro, na sala da frente, mas não vimos ninguém. O corredor também estava deserto, mas ouviam-se vozes e risos vindos dos fundos da casa. Batemos palmas. Quem apareceu foi uma caboclinha dos seus treze, quatorze anos, cabelos pretos e corridos, corpo cheinho que o vestido de chita, muito apertado, desenhava com exatidão. Os olhos eram de espanto, como se a dona deles estivesse se perguntando: (“Quem são e o que querem esses moços todos”).

– Somos estudantes de Aracaju. Viemos fazer uma visita ao escritor Jorge Amado.”^[1]

Estância era famosa por ser um local onde viviam intelectuais, pessoas de gosto refinadas, por isso, em



Hotel Victória

pouco tempo, conquistou a fina flor da sociedade estanciana, como Ofenísia e Filemon Franco Freire, militantes políticos ligados ao Partido Comunista. Alegre e festeiro, era comum ver Jorge Amado lendo ou escrevendo, convivendo, enfim, com a paisagem e com o povo de Estância: A Rua Capitão Salomão, as águas do rio Piauitinga, o cinema da fábrica, os amigos, ficaram para sempre guardadas na memória do escritor, falecido em 2001.

Logo que se entrosou com a turma, Jorge tratou de criar o Jornal falado. Escreveu e dirigiu peças teatrais (com participação dos operários) no Centro Educativo Gonçalo Prado, pertencente à Fábrica Santa Cruz, onde havia um cine teatro. Também realizou bailes de carnaval, passeios a Mangue Seco, concurso de misses, promoveu saraus e organizou a Biblioteca Monsenhor Silveira. O escritor baiano organizou ainda várias festas filantrópicas, na verdade, Estância foi um doce exílio para Jorge Amado, uma grande paixão.

^[1]Joel Silveira afirma que o encontro ocorreu em outubro de 1936, mas os jornais divulgaram a viagem em edição de 11 de setembro.



Juca Nunes e D. Pequena, proprietários do Hotel Victória, com a neta Lulu no colo - 1949



ROTEIRO LÍRICO DE ESTÂNCIA

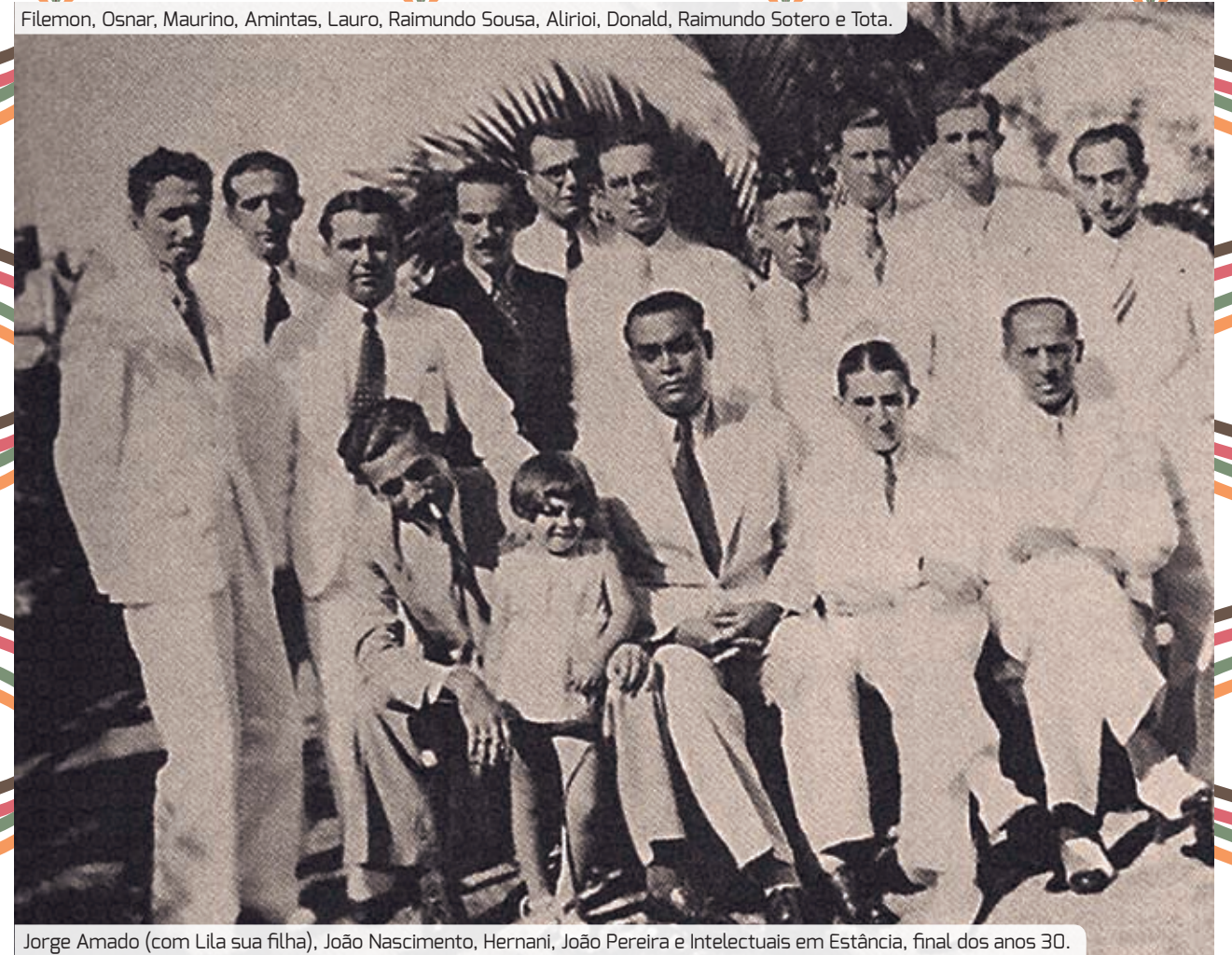
Jorge Amado^{*}

E já que atualmente estão fechadas as rolas aventureiras do mundo, vamos minha amiga, fazer mais uma vez o roteiro lírico das ruas de Estância. Assim, esperamos o dia em que partiremos para manhãs desconhecidas em terras inéditas para os nossos olhos, o dia em que crepúsculos marinhos encherão de nostalgia nossos corações. Nesses dias, amiga, quando chegar a noite de lâmpadas elétricas das grandes cidades, a saudade de Estância se apossará de nós, talvez. Por um momento apenas – quem sabe? – pensaremos nessas ruas que ficaram, nesses parques de árvores tão sombreadas, nessas velhas de tão curiosa humanidade que nos contam histórias de antigas cidades. Por um momento, na alegria da aventura da nossa vida, a saudade de Estância será o único sentimento. E na ternura e calidez do nosso amor, passará diante de nós, como num teatro mais uma vez, o roteiro que percorremos durante meses, quotidianamente, enquanto esperávamos que outras estradas se abrissem à nossa sede de vida e de aventura.

* Crônica publicada originalmente na Folha da Manhã - Aracaju-SE



Filemon, Osnar, Maurino, Amintas, Lauro, Raimundo Sousa, Alirioi, Donald, Raimundo Sotero e Tota.



Jorge Amado (com Lila sua filha), João Nascimento, Hernani, João Pereira e Intelectuais em Estância, final dos anos 30.

Um mistério de poesia que existe em Estância, minha amiga, que não é dado aos homens decifrar. É um mistério lírico, por vezes se parece com um milagre porque é de imediato que se apossa do viajante. De onde ele decorrerá ninguém o sabe, pois que é um mistério o dom de prender que tem essa cidade de árvores, de peixes e frutas, de uma alegria quase ruidosa.

Tão grande é a força lírica de Estância, que, por vezes, chego a pensar que ela decorre de ti, da tua presença que dá a tudo uma plenitude de beleza. Mas se para mim o mistério da beleza da cidade tem uma explicação na tua beleza, os demais homens procuram, entre espantados e comovidos, o motivo do milagre permanente que é o dom de se fazer amar que essa cidade possui, como só possuem a cidade da Baía de Todos os Santos e aquela cidade peruana de Lima, dos grandes balcões floridos e dos sobrados rendilhados. Os homens procuram lendas para explicar o mistério de Estância.

Última cidade do mundo onde existem lendas capazes de apaixonar os poetas. Velha é a lenda do rio Piauitinga, recente é a lenda do quarto 19 do hotel de Juca. Quem não conhece e não ama essas lendas de tanto pitoresco? Se a do Piauitinga explica do amor do viajante à cidade pelo amor à água clara do rio sobre todos belo, a do quarto 19 do hotel de Juca vai buscar a beleza das filhas de Estância a explicação do mistério lírico da cidade. Na primeira, o viajante que se dirige ao rio como que lava o corpo e a alma, deixa na água límpida a poeira das estradas já percorridas, o cansaço que traz no coração e descansa então na doce paz de Estância. E fica preso à água do rio e não mais poderá esquecer a paz da cidade idílica. Idílica, sim, já que nossa vida é um idílio, já que os pares enchem os jardins nas noites de estrelas. E o viajante logo descobre que um ar de idílio o envolve porque já lhe contou alguém, com certeza. A lenda do quarto 19. A lenda do quarto 19 tem toda a beleza de uma balada

antiga. Esse quarto que parece pular fora do hotel, cercado de coqueiros, a lua entrando pelas janelas, obriga fatalmente aquele que nele se hospeda a casar com uma filha da terra. Casamento que exige, e esse complemento é a parte mais bela da lenda, uma fuga romântica, desesperação da família, um auto rasgando a noite da estrada deserta, o casal partindo na madrugada.

Outros, porém, dizem: oh! minha amiga, que não vem do rio, que não vem da sedução das filhas da cidade, essa magia de Estância que domina o viajante. Outros querem que venha do umbroso do bosque que penetra a cidade, a cerca e a domina, como um amante apaixonado à mulher amada. Que venha do alto desses coqueiros, dessas palmas tropicais eternamente balançadas pelo vento que vem de longe, que vem do mar. Ouvirá essa magia das pontes sobre os rios, de onde olhamos as fábricas e as lavadeiras, de onde, minha amiga, consultamos a água que corres sobre as pedras, procurando

adivinhar o futuro que nos está reservado. Vê bem que a água sob o teu olhar não se turva, porque o nosso futuro será belo. Talvez venha essa capacidade de prender que Estância possui, dos sobrados coloniais, dos azulejos das paredes, das pedras negras das ruas mais pobres, daquela casa que ainda conserva um nicho na sua frente.

Amiga, ninguém sabe de onde vem a beleza, a magia, o mistério maravilhoso de Estância. Ninguém sabe porque, todas as noites, todas as estrelas se reúnem no céu sobre a cidade, vêm dos quatro cantos do mundo atravessando os sete mares, brilhar sobre os teus cabelos e sobre as casas de Estância. E com elas vem a lua mais bela, a lua que os poetas procuram, e derrama como um bálsamo a sua luz sobre as dores dos homens. Envolta pelo luar e pelo brilho das estrelas, eu contemplo na noite de Estância. E já não sei, amiga, se a magia é da cidade ou é tua, se a sedução vem dessas ruas banhadas de luar, ou se dos teus olhos refletindo estrelas. 

POESIA

Aglacy Mary



AGLACY MARY é educadora nascida em Aracaju, onde dirige uma escola da rede particular de ensino, a Nossa Escola. Seu gosto por ler e escrever é herança do pai, que fez da biblioteca de casa o maior tesouro da família, enriquecido pelo diálogo com os professores de Português que teve ao longo da adolescência e sentenciado por uma semana de convivência com mais de dez grandes nomes da literatura brasileira, a exemplo de Lígia Fagundes Teles e Ignácio Loyola Brandão. Em 2008, publicou o livro *A Lavra*, uma coleção de poemas. É também autora de histórias para crianças e para adultos, coautora de um livro didático de História de Sergipe (ao lado da historiadora Lenalda Santos) e tem composições musicais. A música “Maré de Peixe” (homenagem a Zé Peixe), parceria com João Ricardo (do grupo A Casa do Zé), foi classificada no Sescanção 2011.

OÀ MÓ

Nesta debilidade que às vezes
me sorrateira a mente,
pulso
feito poeta que principia:
ora soltando do cabresto o
sentimento,
ora preso no vazio da
retórica

que seja isso a pausa,
e que me venha palavra
inteira,
pronta para a limpa na
peneira
e ser depois entregue à mó.

POEMA DA PERENIDADE

Beleza e tudo desbotam.
Tudo sai de moda.
Tudo é barro e se quebra
na fraga dura do tempo.
Nada é para sempre amém.

Minto!

Perene é o homem
em seu renovar
e repetir de paixões.

Por isso juro
e conservo a jura:
quando a vida nos fechar o chão
da inevitável sepultura,
uma flor há de se abrir na campa
e se espriar no tempo.

PROSOPIS JULIFLORA

Os dias de Zezo
cabiam bem
entre dois pés de algaroba.

Um sol inteiro,
um quinto de chão,
meio poço,
a patroa,
seis meninos
e uns bodes.

Tudo balançando na mais
perfeita
ordem de Deus.

Até que aconteceu,
sem razão sabida:
Zezo trocou os bodes
por um cavalo,
e as algarobas
por uns paus de carroça
e uma vontade
de criar galhos.

Até hoje Zezo vai indo.

E suas algarobas
invadindo outros nordestes.

PRAZERES DA CARNE

Estou ficando
com saudade
De uma vidinha
que não vivi
Forra cama
Faz café
Leva lixo
Lava roupa
Lustra móvel
Limpa vidro
Varre chão
Compra carne
E fatia
E tempera
E cozinha
Os dias
Em banho-maria.

CRESPURA

Se você olha bem
e traz seu toque,
sente...
Em que outros fios
achará tanto enleio?
O reino que herdei
nesta coroa
é mar de sargaços,
onde a vida, assim,
embaraçada, faz convite;
onde o sonho, assim,
todo encrespado, faz
protesto:
Não formolize meus
corais.
Sem eles, em que falsa
lisura
haverá você
de se perder em mim?

POESIA

RAMON DIEGO



Ramon Diego nasceu na cidade de Sousa-PB, e reside há mais de dez anos em Nossa Senhora da Glória-SE. Membro da AGL (Academia Gloriense de Letras) e da Associação Cultural Sertão na Arte, publicou, em 2013, seu primeiro livro de poemas, intitulado *Viagem Rasa*, oriundo do financiamento participativo dos seus leitores, e conseguiu se firmar, por duas vezes consecutivas, entre os poetas classificados para a antologia TOC140 – Os cem melhores poemas do Twitter, organizado pela FLIORTO nos anos de 2012 e 2013.

Ilustração: Felipe Ferreira

À MEIA-LUZ

Beijei-lhe a boca
Em outra roupa,
Em frase solta
E vão cinismo.

Despiu-se à luz
Da vela, rouca,
Na hora muda
Em som e vício.

Cumpriu sua sina
E a dor jaz pronta,
Na flor que, tonta,
Em nervo expus.

E a voz que assombra
A tua recusa
É apenas musa
Em olhos nus.

DOMINGO

O dia se despe
na cortina velha
que balança os móveis.

A tarde engatinha
pelo gelo inquieto
na dose de gim.

O homem chacoalha o copo,
mistura as horas e,
como num passe de mágica
bebe-as de um gole só.

Billie Holiday reclama seu espaço
ao fundo
no canto esquerdo da sala
engolida pela sombra
esparramada pela varanda
*I honestly believe that you are bored
You've changed.*

PÍLULA

Um soluço tenro
contorce o acaso.
Pigarreio.

Hão de ter nomes
todas as coisas.

Como um pêssago
em calda
e procuro um livro
de Piva.

A palavra
me limpa
a garganta.

NÓDOA

Eu queria ter os pés
de Ana Botafogo
com sua leveza
e ativez descomunais.

Queria ter o nariz
de Ana Botafogo
leme que aponta
para a Ursa maior.

Queria ter as coxas
de Ana Botafogo
Instrumento árduo
de cooptação artística.

Mas de Ana Botafogo
eu só tenho
as marcas da puberdade
nas nódoas de um pôster.

POEMETO ERÓTICO PSEUDO-EXISTENCIALISTA

Quando formos
sair
meu amor
quero que leves
apenas
teu riso
sem graça
e um
guarda-sol.

Tire esse teu
arsenal
cosmético
e pega carreira
em busca do mar.

Pois, a vida
é como areia
indesejada
que fode
com a gente
devagarzinho.



Ronaldson



Foto: Silvania Gois

Ronaldson atua na cultura sergipana desde os anos 80, quando começou a publicar poemas e desenhos em jornais de Aracaju. Talento múltiplo, ganhou prêmios literários, em desenho, em festivais de música, evoluindo sua atuação até as artes plásticas e a produção cultural de obras digitais. Também atuante no jornalismo cultural, resenhou discos, artes plásticas e literatura através de colunas a partir dos anos 90, quando estreia com *Questão de Íris* (1997).

Nas artes visuais, também é autor de mais de 20 capas de livros de autores sergipanos e outros eventos gráficos, a partir de 1985. Também possui algumas músicas gravadas com músicos de Sergipe.

A partir da primeira década dos anos 2000, participa de coletivas de artes plásticas na Galeria Semear, na J. Inácio e Espaço Cultural dos Correios. Atua, também, como professor e principalmente como revisor e coordenador editorial. É filiado à Associação Brasileira de Críticos de Arte.

POR OFÍCIO

A abelha zumba sobre o pomar
(já intermezzo entre horta e jardim).
Zumba o zinco de zuns
de bêia bela, beira pétalas
vasculha suas flores prediletas
adentra internos de corola
atleta, decifra códigos naturebas
já ébria de tanta cor, fulô
— zona de sins de açúcar...

— eitcha química secreta! —

Zinco de zuns e sins
sons de bêia bela, beira pétalas
zinco de sino, de zins e zons
eis que sorve néctar e pólen
Já zen, zonzá de zans, de zins
fração de dulcíssima alquimia
sonsa, mas fel não,
à luz do verão:

O ponto do mel
sabe seu ferrão.

(Inédito)

SIDERAL

Oh tarde:
O travor do verão
em ardências e azuis.
Vertiginosa, a flora
lateja seu gozo
seu fruto de mil fogos.
O golpe da polpa entreendo
seiva dúbia entre cica e mel
(subs que seu rúmen maquina),
troveja a joia de zil rebentos
— explosão luz e cor
entre leques verdes vento:
caju no alto,
madurando,

— tez de quando e chumbo —

um dia dois
do mundo.

(Questão de Íris, 1997)

PUBERDADE

No espelho do riacho
a moça despe-se.

O brim afaga a grama hormonal.

Em fúria,
toda a tarde endurece.

(Questão de Íris, 1997)

POEMA DE SOL

O poema solar se inicia
na praia clara da página.

Sem mar, a palavra é que é onda
— vibrátil —
frêmito e brisa.
É o que anda onde
a correnteza desliza...

Tudo é seco, estéril e parado.
Para germinar semente
— atadura ou poente:

A palavra cava seu arado.

(Litorâneos, 2009)

SOL DE MIM

Ponho meu ray-ban
Meu sungão

E dano às praias de mim.

Quem me quiser sou assim:

Meio ostra dura
Meio jasmim
Surfista de nova schin.

(Litorâneos, 2009)



Lavínia Souza Cruz

Antônio da Cruz

40 ANOS DE ARTES VISUAIS

Um perfil

Em tempos de universos reais e virtuais paralelos, o entabulamento de conversação acontece ao ponto de, pelo menos, ideias, conceitos e atuação pública das pessoas serem facilmente conhecidos. Em um desses posts do *Facebook*, a amiga Yvana Soares, pedagoga, por meio de um poema de versos livres traçou, espontaneamente, o perfil de Antônio da Cruz:

“Antônio da Cruz, Simples, simpático, carismático / homem das artes, envolvimento intrínseco, / sinônimo de inteligência e capacidade, / o homem das artes geométricas, / horizontais, verticais, perpendiculares, cilíndricas, / quadriláteras, quadrados, retângulos, triângulos / um olhar de menino, criativo, capaz, sagaz / alma pura, interior alegre e manso. / Risonho e perspicaz. / Da cruz, da luz, do saber, / movimento, experimento, sensatez, lucidez / engajamento diário com a responsabilidade artística. / Criação, produção, sensação!”

Outra amiga, a arquiteta Ana Libório, confirma: “Assim é Cruz”. Esta certeza vem da convivência por ocasião de um trabalho realizado há alguns anos, quando Cruz integrou a equipe responsável pela montagem da maquete que reproduz o centro histórico de Aracaju para o então Museu de Rua da Ponte do Imperador. O trabalho, hoje, se encontra no Museu Palácio Olímpio Campos para visitação.

Algumas características deste sergipano de Maruim são marcantes. O companheirismo e o espírito de solidariedade devem ser ressaltados como qualidades evidentes. Isto se enfatizou quando a Casa Cultural Careca & Camaradas, a exemplo da homenagem feita anteriormente à personalidade como o jornalista Cleomar Brandi, reconheceu também Antônio da Cruz “Camarada do Ano”, em 2008. Fábio Sampaio, artista plástico e amigo de muitas jornadas, declara: “*Conheci seus trabalhos, e aí pude compreender que, a mesma maneira que trata os metais, dando-lhe forma, beleza e equilíbrio, é a mesma que se relaciona com todos, com talento e sensibilidade*”.

Cruz encara as palavras amáveis das pessoas como uma espécie de zelo que elas têm para com seus semelhantes. Neste ano, de 2014, o artista plástico comemora 40 anos de ativismo e dedicação às artes visuais. Atualmente, reconhecido pelos seus trabalhos feitos em aço – muitas das peças estão mais para objetos lúdicos do que figuras feitas do rijo aço, pois estas ganham mobilidade mediante o vento e o toque das pessoas –, Cruz tem produzido obras de arte de porte monumental. Ele também é chargista e publicou muitos trabalhos nos jornais e boletins dos movimentos sociais entre as décadas de oitenta e noventa. Trabalhou como desenhista técnico, projetista, ce-

nógrafo e pintou muito até 1988, predominantemente na técnica óleo sobre tela, temas variados.

É lembrado, também, como o artista que fez o monumento aos garis e às margaridas na cidade de Aracaju, a partir da ideia de Lucimara Passos, então presidente da Empresa Municipal de Serviços Urbanos de Aracaju (EMSURB), também encampada pela Torre, empresa que faz o serviço de coleta dos detritos. O monumento concebido pelo artista não passa despercebido por quem transita pela Av. Heráclito Rollemberg, zona sul da cidade. Afinal, trata-se de algo pouco comum, pois, tradicionalmente, apenas aos denominados “grandes vultos históricos” são erigidos monumentos. “*Ainda que as condições sociais dos garis e margaridas tenham muitas pendências, creio que, erigir um monumento a pessoas tão mal valorizadas pela própria sociedade, melhora substancialmente a autoestima delas*”, afirma Cruz.

A Trajetória

“Ele é um artista inquieto, apaixonado pelo movimento e pelo tridimensional, com suas esculturas, Cruz insiste em provar que peças em aço podem flutuar pelo espaço, num jogo visual que materializa o etéreo e instiga o inconsciente” (Marcelo Rangel – Museu da Gente Sergipana).

Ainda criança, Cruz desenhava com carvão e pedra calcária

nas varandas das casas dos sítios onde residiu, nos arredores de Aracaju; modelava em argilas e esculpia em mulungu – madeira então abundante e de fácil lavra – figuras humanas, ou partes delas, para atender às senhoras católicas. Eram as promessas ou os ex-votos. O contexto social e financeiro da sua infância e as oportunidades escassas lhe condicionaram a ser autodidata.

Sacrificava os cadernos escolares com desenhos a grafite, reproduzindo as cenas dos filmes de faroeste e gibis – as atuais revistas em quadrinhos –, de modo que sobravam poucas páginas para copiar as lições, o que lhe rederam puxões de orelhas e outros castigos da irmã Maria José, a responsável pela disciplina em casa na ausência dos pais.

Ela mesma, mais tarde, lhe presentearia com um caderno de desenhos e uma cartela de aquarela. Cruz aprendeu as técnicas

insistindo, teimosamente, em reproduzir os desenhos de gibi, personas da história universal e brasileira, além de se esforçar para retratar pessoas do seu círculo de amizade e parentes. O aperfeiçoamento veio com os fascículos semanais das coleções de revistas de “Desenho e Pintura” que comprava nas bancas, na década de setenta. Com o tempo, a sua necessidade literária evoluiu e os volumes de história da arte passaram a ser devorados quase como livros religiosos. As biografias de Van Gogh e Portinari, com lances de sofrimento, necessidades afetivas e financeiras extremas espantaram o sonho do menino em querer enveredar por caminhos artísticos incertos. A sua própria realidade lhe bastara como lição. Ao casar-se, em 1981, com Maria de Lourdes, uma salgadense, vieram Lavínia e Andreyc, filhos queridos, hoje adultos, com as respectivas vidas resolvidas. O fato, entretanto, é que as contas precisavam ser pagas e o artista passou a trabalhar empregado como desenhista técnico, o que garantia saldar dívidas,

amealhar patrimônio certo e a possibilidade de investimento para a própria arte. Cruz, entretanto, não perdeu o bonde da história: foi ao “olho do furacão” e transcorreu a década de oitenta militando no movimento sindical, contribuindo para a redemocratização do país.

Na década de noventa, deu-se a intensificação no universo cultural. Vieram as participações em seminários e encontros de artistas pesquisadores em São Paulo, o que o estimulou mais na organização dos artistas locais em associações e fóruns, nos quais os debates se fizeram importantes para a compreensão da realidade dos artistas sergipanos. Aconteceram “batalhas” entre o poder municipal e os artistas que defendiam uma lei de incentivo à cultura municipal. As discussões se mantinham acesas objetivando melhorar a produção e o ambiente cultural. Neste mister, o artista desenvolveu papel importante contribuindo na articulação de artistas e entidades então existentes.

No início do novo século, em 2001, na primeira gestão do pre-

feito Marcelo Déda, Cruz foi convidado por Chico Buchinho, presidente da Funcaju, então órgão municipal da cultura, a ser diretor da GAAS, Galeria de Arte Álvaro Santos. Lá, Cruz passou quatro anos atendendo aos desejos reprimidos dos artistas que queriam expor ali. Democratizou o espaço e deu à galeria a efervescência que ela possuía na década de setenta; retomou o Salão dos Novos, que não acontecia há dez anos; também criou o “Salão Praieiro”, o “Concurso de Escul-

Cruz também é chargista e publicou muitos trabalhos nos jornais e boletins dos movimentos sociais entre as décadas de oitenta e noventa.

turas na Areia” e a Reserva Técnica, com a devida catalogação de todo o acervo Municipal, tendo a contribuição integral dos dedicados Adelci Freire, Benedito Le-

trado, funcionários, e Silvane Santos, estagiária pelo curso de Artes Visuais da UFS.

Na GAAS, desenvolveu ainda projetos em parceria com a ASAP, Associação Sergipana dos Artistas Plásticos, como o “Projeto Arte em debate”, com a participação direta de Léo Mitteráquis, que fomentava assuntos altamente subjetivos, fosse a partir de um texto ou um filme. Fez acontecer o “Projeto 5 Imaginação”, sob a coordenação de Náide Barbosa. A proposta era debater temas filosóficos e históricos; propor questões práticas, como a organização de arquivos fotográficos, pelo inquieto Newman Sucupira (*in memoriam*); promover o tratamento de imagens fotográficas e fomentar pesquisas visuais, etc. Em ambos os projetos, o apelo junto ao público era grande e a ocorrência, por vezes, chegava a se equiparar às aberturas de algumas exposições.

Nos anos recentes, o contato direto por meio de palestras sobre a organização e a discussão de outros temas importantes com artistas dos mais variados lugares do estado, através do Fórum Per-

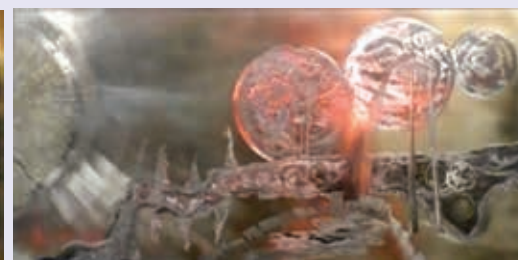
manente de Artes Visuais de Sergipe, tem prolongado a contribuição de Cruz na formação de público para as artes visuais.

Os seus quarentas anos de artes visuais têm como marco inicial a participação em uma exposição coletiva na GAAS, em 1974, aos dezoitos anos de idade. Daquele ano aos dias atuais, o artista participou de várias exposições coletivas e realizou mais de dez individuais. Foi exatamente na GAAS que o fotógrafo Nailson Moura lançou, no mês de maio deste ano de 2014, o livro *Crônicas do Ateliê*, uma narrativa imagética em que Cruz aparece desenvolvendo etapas dos seus processos artísticos. Como acessórios, no livro constam 12 artigos selecionados

Escultura: Olhos da liberdade II



Monumento às margaridas e aos garís.



Experimentos com luz de LED na obra Mundos. Tela gravada em aço.

entre os escritos de Cruz para a imprensa local, de 2007 a 2011.

Conceitos e concepções

“Fazer esculturas é interferir no espaço. E para que aconteça essa grandeza, todo artista tem por obrigação conhecer e dominar a forma, o volume e o tridimensional. Essa busca tem sido, de fato, uma constante em Antônio da Cruz. Percebe-se em suas obras não apenas uma estética empírica, mas a plasticidade exercida”. (Bené Santana – Artista Plástico).

Quando o assunto é definição de estilo, o artista argumenta que não se preocupa em se enquadrar. Alega fazer arte com os recursos do seu tempo, numa linguagem atual e assim se diz um artista contemporâneo. *“As fronteiras estilísticas não devem ser impostas ao artista como uma camisa de força. Se eu*

sinto a necessidade de fazer uma ilustração realista não ‘perco o rebolado’. Eu faço e pronto; se por acaso me surgir uma ideia de uma obra fortemente abstrata eu experimento. Não tenho falsos escrúpulos somente para seguir um estilo engessado e agradar ao que chamamos de crítica. Para mim estilo é um conjunto de elementos que predominam na obra do artista ao longo da sua jornada e não é ele, o artista, quem o define. Eu trabalho com outro conceito, o das séries paralelas, ou seja, desenvolvo vários temas interdependentes e a cada um chamo de série. Quantas obras eu farei em cada uma destas séries não sei. As séries são abertas. Isto me permite ampliar os desafios para a criação. Não importa se as imagens são realistas ou sei lá o quê”, diz.

Cada ideia é a matriz de muitas outras ideias impregnadas do sentimento de liberdade explicitada nas formas. Criar é o desafio que Antônio da Cruz toma para si como responsabilidade

cotidiana. Ele é incansável neste processo incessante de metáforas imagéticas e ousadia arquitetural da tridimensionalidade.

A execução das obras de arte em aço

“O aço de sua natureza fria, quando manuseado com sentimentos e sensibilidade artística perde sua caracterização árida. Não é apenas o aço em seu aspecto industrializado, mais do que isso, Cruz trabalha formas com aspectos orgânicos, dando vida e mobilidade real às suas criações”. (Marcos Cardoso – Editor do Jornal da Cidade).

No seu ateliê, Cruz lança mão das “Notas de oficinas” e do seu “Banco de ideias”. Assim, fixa as suas experiências artísticas. Para ele, a escultura é uma etapa na sua vida de artista; é resultado da vontade de dar forma real ao desenho. As formas orgânicas que modela no aço acontecem, agora, após experiências e leituras técnicas, numa bibliografia que não está destinada a um curso regular de belas artes ou equivalente, mas às áreas de metalurgia e siderurgia.

A partir do processo mais elementar de percussão, Cruz desafia a dureza do aço, modelando e o submetendo à forma desejada. Na execução das suas esculturas desenvol-

ve ferramentas para as simples dobraduras, a trabalhosa modelagem e a sofisticação da estampagem. A figura humana, seus sentimentos, suas contradições e seus dramas são suas bases de inspiração. Deles também vêm os movimentos que surgem nas suas obras, principalmente quando com forte tendência à abstração.

As novidades

Desde o início de 2013, Cruz tem experimentado, sistematicamente, uma nova técnica, iniciada bem antes, porém, o resultado e como obtinha tais efeitos haviam passado despercebidos. Ele usa a lâmina de aço substituindo a tela, e no lugar da tinta a luz. Nesta edição, algumas fotos mostram o resultado. Outra novidade é a série de releituras de edificações, na qual o artista cria formas semelhantes a prédios e conjuntos arquitetônicos, residenciais ou não, emprestando a alguns aspectos futuristas. São prédios fictícios. O artista também está trabalhando para transformar o seu ateliê em um instituto, ideia que alimenta desde 1999, após participar de um encontro da Associação Nacional dos Artistas Plásticos Pesquisadores (ANPAP), quando percebeu que poderia ampliar sua contribuição no universo das artes visuais. São quarenta anos comemorados com a promessa de mais trabalho pela frente.

“Enfim, podemos afirmar que Cruz e o aço conspiram, em função da Arte. Ele forja esculturas e movimentos que mais parecem ser de um mundo ainda não inventado; deixando livres situações plásticas onde o imaginário parece nunca querer descansar. Isso é Cruz e o aço em alta temperatura”. (Elias Santos – Artista Visual).

Alquimia visual

A junção dos efeitos de 3D e a projeção das cores-luz sobre o desenho gravado na tela de aço faz a satisfação dos olhos. Torna-se alquimia visual. Em tela única a luz remodela a forma. Dela nada escapa. Vira força visual: viola contornos, tinge, obscurece, rebusca, torce, instiga o olho e brinca com o cérebro. Imagens que, a olho

nu, não se veem, a luz revela. Ela, assim, reinventa o inverossímil, o abstrato, noutras palavras, faz alquimia luminosa, convertendo simples e minúsculas reentrâncias, riscos na superfície da chapa metálica do aço duro, em imagens imprevisíveis a partir de microscópicos reflexos que, uma vez somados, se avolumam e se estendem por toda a superfície por onde o artista trabalhou ávido, a ferramenta abrasiva, com gestos e intenções gráficos. 



JAMSON MADUREIRA

perfil de um artista *underground*

Adelvan Kenobi e Máira Ezequiel

Lá pelos idos de 1996, o nome Jamsom Madureira aparecia na cena artística *underground* sergipana como líder de uma banda industrial/minimalista chamada Camboja. A banda já existia desde o início da década, e foi formada por amigos que moravam no conjunto Marcos Freire, em Nossa Senhora do Socorro, região metropolitana de Aracaju, com o intuito de fazer um som *grindcore*. Os shows dos caras eram um caos, mas o que chamava mesmo a atenção (além da performance alucinada

do vocalista Fúria) era a arte que emoldurava o material “promocional” da banda, releases e capinhas da fitas demo. Era um traço estilizado, com uma excelente utilização do contraste claro/escuro e óbvia inspiração no que de melhor existia nos quadrinhos alternativos da época. A arte de Jamson Madureira aparecia para o mundo, via circuito “alternativo” (leia-se troca de zines e demos pelo correio).

A formação da banda começou a mudar, mas isso não importava. Era a típica banda-de-um-ho-



mem-só. Ecos de grindcore nos vocais berrados e a guitarra velha extremamente suja e desafinada, tocada “com vontade”, era o que importava. Após a saída de todos os primeiros componentes, depois do lançamento da primeira demo, “Grind to grind”, Jamson abandonou as baquetas e passou a assumir vocais e guitarras, revelando-se um exímio criador de riffs matadores e de melodias grudentas que compunham uma música minimalista ao extremo, na maioria das vezes se resumindo à repetição de uma frase por cima de um riff de guitarra.

Isso após um breve período acompanhado por uma bateria eletrônica primitiva e tosca, que ele abandonou para recrutar, para as baquetas, Wesley, já velho conhecido de bandas punk/hc/grind como ETC e Lipofrenia, e o “velho guerreiro”, Sylvio Suburbano, fundador da Karne Krua. Tudo isso sem contrabaixo, “pra não atrapalhar”, nas palavras de Madureira. Gravaram mais uma demo caseira, que se tornou um pequeno clássico “udigrudi”, intitulada “Lies about freedom”, e

em seguida, entraram finalmente em estúdio para uma terceira demo, dessa vez acompanhados por um baixista, por pura insistência do mesmo, que vinha a ser Marlio, baixista da Karne Krua e outro fiel colaborador, sempre colocando sua casa à disposição, nos fins de semana, para os ensaios.

Em 1996, o nome Jamsom Madureira aparecia na cena artística *underground* sergipana como líder de uma banda industrial/minimalista chamada Camboja.

Seguiram tocando e gravando por, aproximadamente, 4 anos, shows no volume Máximo, com bateria cadenciada marcando os espasmos guitarísticos e vocais gritados de Madureira, emoldurados pelos efeitos sonoros da guitarra de Sylvio que, espertamente, captou no ar que a sinfonia repetitiva de riffs, criada por Madureira, não precisava de mais do que isso para preencher os naturais vazios que a formação pra lá de enxuta produzia.

Mais tarde, por volta de 1998, Madureira revelou-se, também, artista plástico. Seus quadros foram exibidos durante o festival Rock-SE, realizado no fim de outubro daquele ano.

O estilo arrojado e altamente influenciado por quadrinhos deixou muita gente de queixo caído. Como assim? Esse cara é de Sergipe? Aquele mesmo doido do Camboja??? Bananeiras, retratos de igreja e natureza morta, além de cavalos, muitos cavalos, eram a ideia que a maioria tinha de arte sergipana. Porém, a arte de Jamson não tem raiz alguma com o que já se fez no Estado. Como já disse, quadrinhos são a grande referência. Nada no estilo super-herói, é claro. As reverberações vão de Bill Sienkiewicz (da clássica mini-série Elektra Assassina), a viagens quadrinísticas em forma de *graphic novel*, como “Blood” ou “As Inimigo – Um Poema de Guerra”, este último de George Pratt. Mesmo assim, essa tentativa de

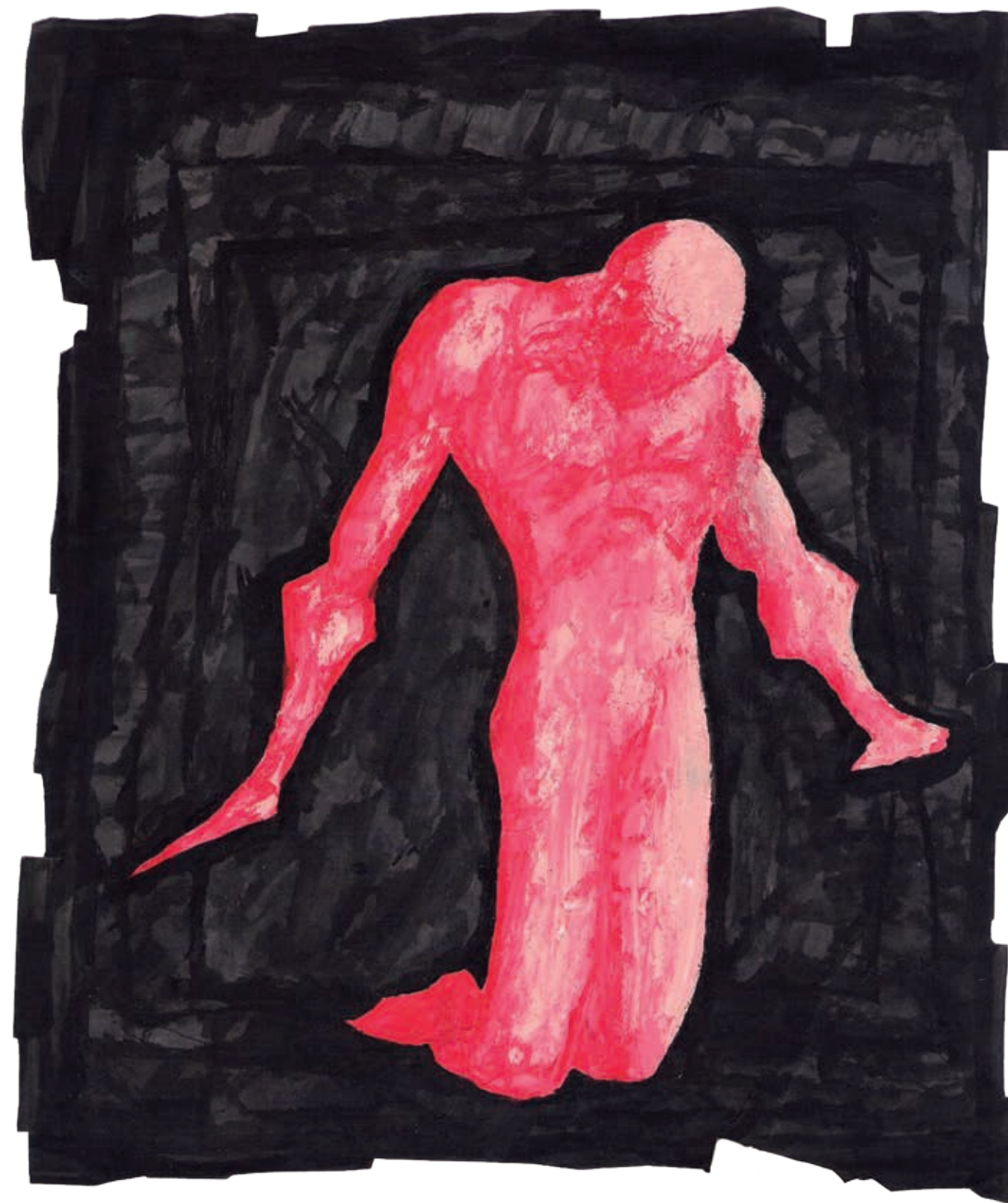
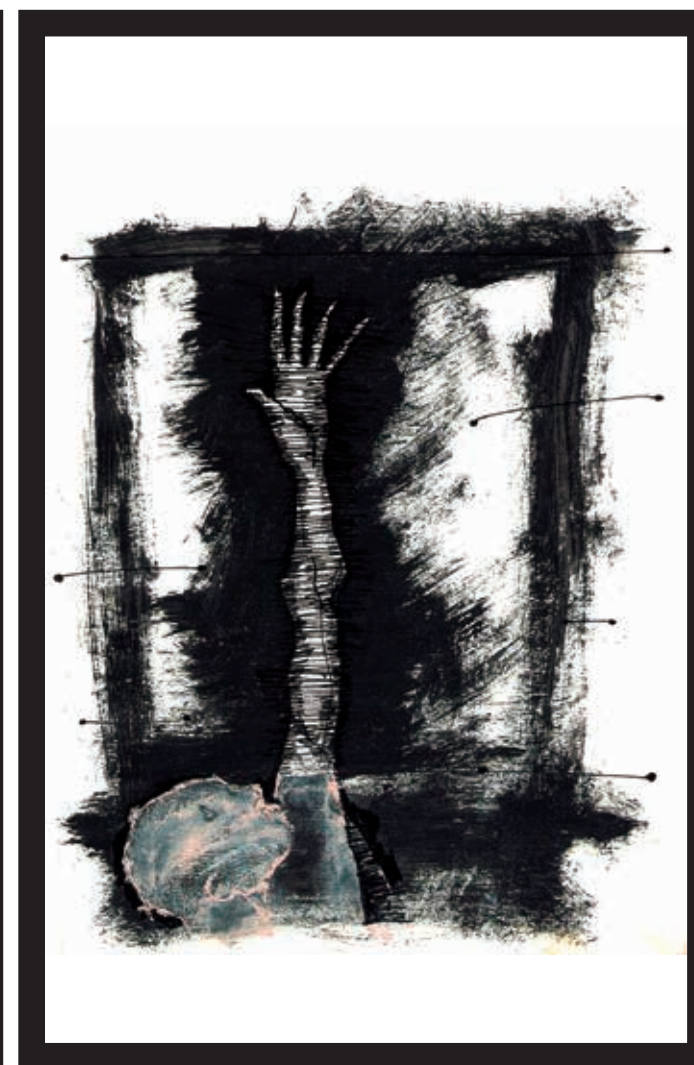
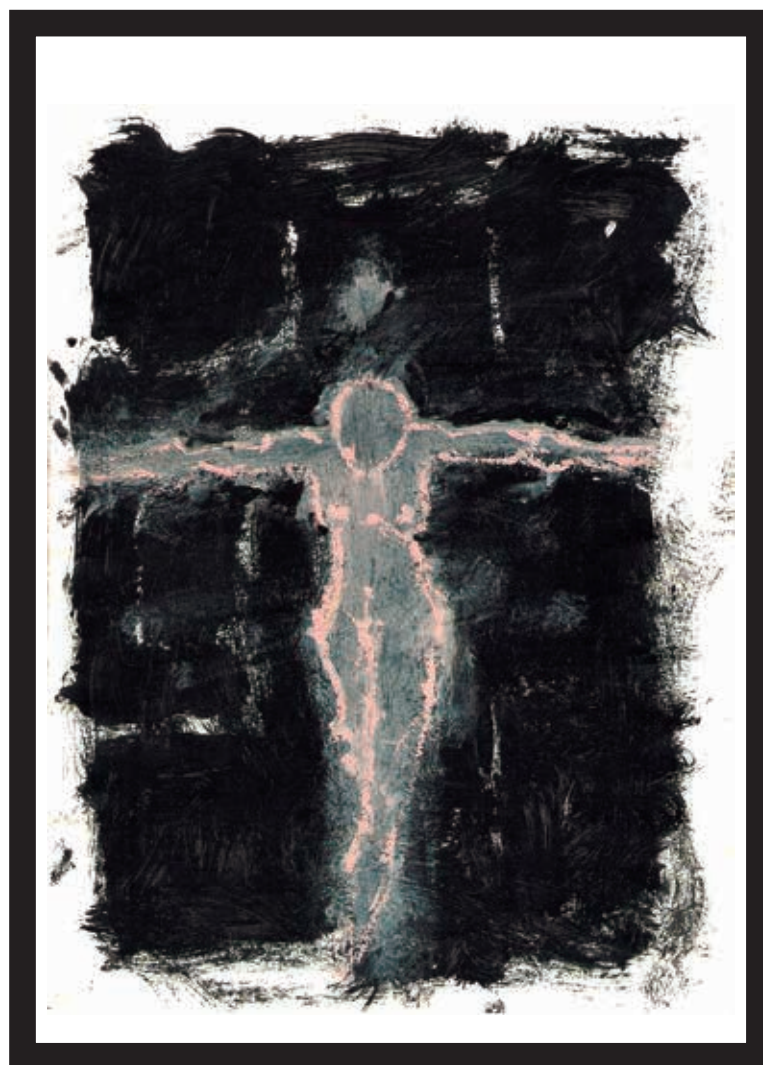


Imagem extraída do site escarronapalm.blogspot.com.br



Imagens extraídas do site escarronapalm.blogspot.com.br



1.
Porco com Macã
Óleo sobre tela
44 x 70cm
2000

2.
Mulher Lírio
Óleo sobre tela
50x40cm
2006

3.
Martelo com Pregos
Silk screen em papel
madeira
15 x 25cm
2000

4.
Iansã
Gaucho sobre papel
53 x 42 cm
2003

5.
Dragão
AST
30x40cm
2009

6.
Ilustração
Material promo-
cional da banda
Camboja



aproximação em nada resume a dimensão da arte de Jamson. O caos de 68, poemas dadaístas e a música de John Cage talvez ajude. Ou melhor, não é nada disso. Não há nada tão abstrato num elefante. Ou uma colher. O que importa é o traço, ou garrancho, ou, simplesmente, as partes do quadro perfuradas por algum instrumento estranho aos manuais de artes plásticas. Sua arte pintada seguia de certo modo a mesma concepção de sua música: minimalista, feita de signos e de imagens urbanas, paranoias e fixações. Experimentalismo, talvez seja por aí.

Aos poucos, mesmo sem nenhum esforço pessoal do artista, a arte de Madureira foi chamando a atenção de mais e mais pessoas, inclusive daquelas distantes do mundinho do rock, onde vivia, o que o levou a produzir desde capa de disco pra banda de rock (Snooze, “Waking Up... waking Down”) a ilustrações de livros de poesia (de Araripe Coutinho e do hoje ministro do Supremo Tribunbal Federal, Carlos Ayres de Brito). Depois de um tempo pintando sem parar, cansou dessa vida de exposições conjuntas em Assembleias Legislativas, galerias de arte convencionais e “mercados pop”. Parou de pintar, assim como o Camboja se dissolveu bem antes, com três demo-tapes servindo de legado. Eventualmente, ele apareceu com outra banda, a Madame Tubarão, com um som meio “surf garageiro”. No

Por volta de 1998, Madureira revelou-se também artista plástico. Seus quadros foram exibidos durante o festival Rock-SE, realizado no fim de outubro daquele ano.

mínimo, autêntico. Madureira voltou a exhibir seu talento distribuindo fanzines – mesmo sendo já coisa do passado, da era pré-Internet –, apresentando sua criação para o mundo dos quadrinhos. “Automazo” e a “Amante do Mutante” foi feita e desenhada à mão, xerocada e distribuída pra quem ele bem entendesse. Sortudos os que guardam suas cópias. Uma versão em html chegou a ser feita, mas não tenho notícia de ter sido postada na net. O estilo apresentado é típico Madureira, versão HQ. O texto, uma linguagem solta e inspirada, em cima de argumento beirando o surrealismo. A série perdura até hoje. Quando você menos espera, lá vem Madureira com mais algumas historinhas em quadinhos simples e, ao mesmo tempo, herméticas, rebuscadas e rabisca-das, xerocadas e distribuídas sem nenhum compromisso, a não ser o mais nobre: a necessidade de se comunicar, mesmo que de forma torta, enviezada e, deliciosamente, anacrônica. Camisas foram feitas com a personagem. Jamson até voltou a exhibir em galeria de arte, usando os originais dos fanzines, foi tema de matéria em jornal local e foi, inclusive, esse ano, convidado a participar, como único representante do estado de Sergipe, de uma mostra nacional de novos (novos? Melhor dizer “desconhecidos”) talentos na Funarte, no Rio de Janeiro. Resta a nós, pobres mortais, esperar e torcer pelo próximo passo do mestre. **G**

Maria Scombona:

a reinvenção da música sergipana

Raquel Passos

Desejando transformar o cenário musical de Sergipe, o polivalente em som e arte, o teatral, sertanejo e contemporâneo, Henrique Teles, criou a banda Maria Scombona (que, no linguajar nordestino, significa cambalhota ou pirueta), no final da década de 90. Daí mesmo, a partir da concepção do próprio nome, começa-se a entender melhor o que esse grupo sempre pretendeu: transformar.

Assim, é possível perceber que nas letras e melodias de suas canções, sempre inebriadas de regionalismo, desde o coco da embolada, aos aboios, blues, jazz e soul music, o comandante da trupe passou a trabalhar uma linguagem estética e criativa em suas composições. A unicidade passou a ser seu marco, ainda que, muitas vezes, haja um contorno mais pesado e, em outros momentos, um som mais leve,

mas sempre tendo a música [e tudo o que ela possa representar] como centro do processo.

A cada apresentação da Maria, como a banda é carinhosamente chamada por seus fãs e entusiastas, Henrique reinventa a própria musicalidade e faz da criação o seu principal elo entre os palcos e a realidade. Como uma ponte entre o que de mais belo existe e o que é palpável.

Um sentimento de preenchimento, ou mesmo de acolhimento, é transmitido a cada novo arranjo e reinvenção que Henrique traz nas músicas da Maria Scombona. Desde 1998, quando a banda foi concebida, unindo amigos e os distribuindo entre seus instrumentos favoritos, fica notória a transformação incutida naqueles que acompanharam suas apresentações Sergipe afora. A publicitária Déborah Costa é uma dessas pessoas que



sempre admirou a pegada sonora perceptiva de Maria Scombona e virou admiradora ainda adolescente. “É um sentimento de amor que tenho. Eles estimularam muita gente que era embrionária no cenário musical de Sergipe e sempre apoiou a música em sua melhor forma”, sintetiza.

Além de Déborah, outras centenas de jovens participavam das intervenções artísticas que os membros da banda promoviam, por meio da vontade incessante de preencher as veias culturais dessa gente. Dali a 16 anos, um texto como esse nasceria sob o encanto remanescente do conteúdo produzido a partir das produções musicais em questão e vontade de propagar qualidade.

Em 2002, a banda lança o CD ‘Grão’ – que os levou ao Festival de Verão de Salvador, ao Prata da Casa no Sesc Pompeia (SP), ao Festival Internacional de Música Independente em Brasília, à Feira da Música no Ceará e Festival de Inverno de Garanhuns, dentre outros grandes eventos. Quando Henrique anunciava cada nova caminhada da banda, os jovens se entusiasmavam ao ponto de acompanharem a banda nessas longas viagens. De van ou avião, muita gente se vangloriou por ter estado presente nestas ocasiões. Pudera! Não foi em vão.

Em 2007, a banda se torna um quarteto e lança o álbum ‘Mais de Um... Nós’. O segundo disco é considerado o da comparação da carreira, devido à nova e enxuta formação da banda e foi justamente quando os membros idealizaram e propagaram projetos socioculturais pelo estado.

O MENTOR

Como é possível perceber, o vocalista ou idealista da banda é um cara interessante e incessantemente curioso. Além de incansável, tem um faro artístico e cultural que pulsa em sua veia – literalmente. Filho do cantor seresteiro e também compositor da terra, Antônio Teles, Henrique seria o cara que transformaria a cena musical sergipana em algo, finalmente, com identidade própria. E ali se reinventaria.

Quem o conhece e percebe seu lado ‘raiz’ pulsar, talvez não saiba que sua ligação inicial foi com o meio metal *underground*. Na capital sergipana, Henrique percorreu os porões e garagens do rock’n roll usando braceletes *heavy*, conforme relata a jornalista Máira Ezequiel no Overblog,



Foto: Elma Santos

Foto: Elma Santos



Foto: Elma Santos

do site Overmundo, em uma publicação de 2006.

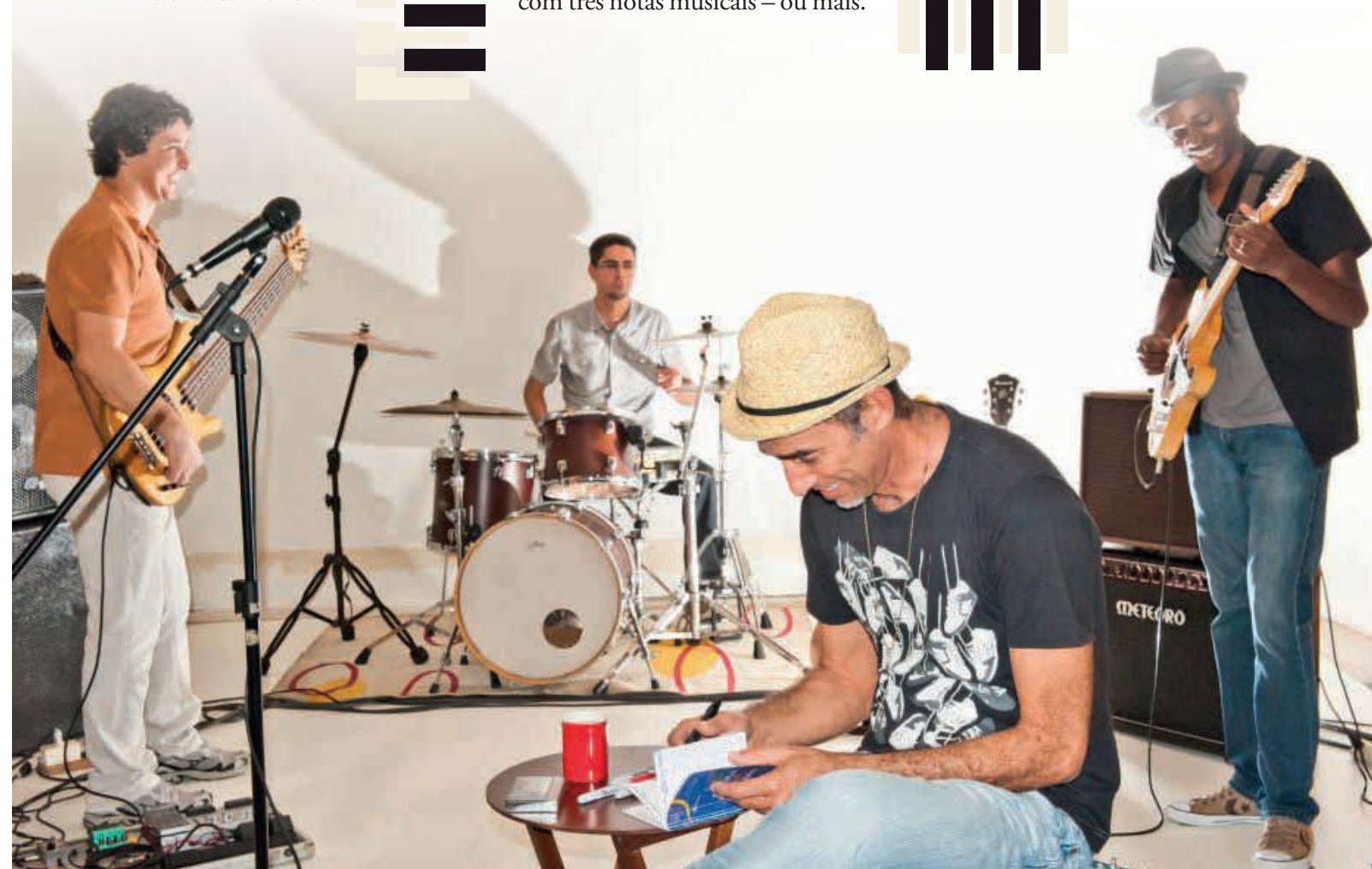
O primeiro grupo a estourar no cenário cultural contemporâneo *underground* de Aracaju, certamente, foi a Maria Scombona, na década de 90, quando Henrique Teles devolveu à sociedade um pouco de suas impressões captadas com sua vivência musical pelos corredores e arredores da cidade.

Não é preciso ser especialista para entender. Basta sentir. Assim, a suavidade da gaita, com os gritos elétricos da guitarra e a melancolia do contrabaixo se uniram com a percussiva bateria e consolidaram o sentimento de regionalismo que a interpretação vocálica de Henrique sempre prospectou.

PARTICULARIDADE

A banda se diferencia das demais em atividade em Sergipe por possuir identidade reveladora em suas intervenções musicais mas, por sua vez, convergem com vertentes artísticas encontradas, por exemplo, em Literatura de Cordel ou em qualquer outra poesia tão cheia de magia quanto. Tal qual um espetáculo circense, que sempre existiu pluricultural, mas nunca foi ou será o mesmo. O público o define. Assim também acontece com a Maria Scombona.

Foto: Marcelinho Hora



É impossível imaginar um show (ou espetáculo) da Scombona sem aquelas pessoas desprovidas de qualquer armadura, mas que permitem a entrada de melodiosas ondas frenéticas em seus corpos, tornando-os reais brincantes, como um reflexo do homem que conseguiu trançar tantos esforços e prazeres no único desejo de brincar, de ser potencial transformador musical em sua cidade. Tal qual Henrique Teles com três notas musicais – ou mais.

O álbum ‘Un Nu’ foi lançado em 2012 e é até hoje considerado o mais conceituado de todos da carreira da banda. Mais uma vez, a Maria Scombona inovou e este álbum foi concebido, também, para o formato anacrônico mais amado e saudoso por quem sente a música. Além do CD, o álbum ficou disponível em LP ou vinil. As composições continuam ‘vestidas’ de rock, blues, soul, forró, embolada, aboio, coco... Ou seja, o desdobramento ‘scombônico’ permanece intacto e presente. **G**



ENTREVISTA COM HENRIQUE TELES

Por Marcos Vinicius Correia
Exclusivo para Cumbuca

Em 1992, eu estava totalmente imerso no Rock. Era fã do Rush, Metallica, Iron Maiden e minha banda principal era a Hemisférios, que tocava nos ainda escassos points da cidade. Foi quando Henrique Teles, a quem conhecia de formações de garagem (assisti a ensaio dele com Beto Vela e Sérgio Pauleira, tocando “Prodigal Son”, do Iron Maiden), convidou-me para integrar sua banda, um rascunho do que viria a ser a Maria Scombona. Eis que tornei-me (meio a contragosto, é verdade) “um nu” da distorção e tive de encontrar minha voz na guitarra, em meio a percussão, efeitos, violão, toadas e longos e reflexivos ensaios. Adorava os da “casa da fazenda”, de D. Marlene, em plena Rua Joventina Alves.

Foi um contraponto interessante e uma ótima escola de brasilidade e poesia. Passei com



eles dois anos e fiz shows muito interessantes, como os de Olinda (1992) e FASC (1993). Deixei-os devido a um de meus períodos sabáticos, no caso o de 1994, quando botei a guitarra debaixo da cama por 6 meses, no esgar final para conquistar o diploma de Químico Industrial. Henrique prosseguiu refinando seu som e conquistando espaços, até que, em 2002, a banda lançou seu excelente trabalho de estreia, o CD “Grão”.



Cumbuca: Henrique, fale de sua formação musical, influências musicais e artísticas. Sei que o DNA da música foi herdado de seu pai, Antônio Teles. Quem – ou o que – mais ajudou a construir sua identidade?

Henrique: Assim como o DNA, minhas influências são muito orgânicas; pouco racionais e muito intuitivas. São frutos de tudo que tocou meus sentidos e meu espírito. Engraçado que, olhando para meus primeiros passos na minha relação com a arte/música, tive muitas referências, mas com o tempo fui me distanciando de fórmulas ou padronizações de artistas que eu gostava. Busquei, a partir disso, encontrar o meu caminho, especialmente na troca com o universo musical dos músicos que passaram pela Maria Scombona. Tudo isso me ajudou a sedimentar e canalizar um mundo de elementos presentes no que vivi desde a minha infância. Óbvio que nunca deixarei de reconhecer as influências estéticas e musicais da mi-



nha mãe, do meu pai e de minha família em geral. O DNA.

Cumbuca: Quando fez parte da banda, entre 1992 e 1994, o repertório era mais reflexivo e “acústico”, formado por músicas como Farol de Ferro, Pela Barão, Medo, dentre outras. A sonoridade atual, no entanto, é baseada no funk/rock/blues, sem abrir mão da nordestinidade nas letras, melodias e sotaque. Como e por que se deu essa mudança? Quais os caminhos trilhados até desaguar nessa sonoridade peculiar?

Henrique: O começo da Maria foi de muitas experimentações e a proximidade com as melodias, harmonias e ritmos nordestinos. A linguagem da música negra americana ainda não tinha se sedimentado nas minhas criações como compositor. Já existiam músicas como Lucimar, mas ainda não estava definido o meu caminho, meu jeito de expressar esse elo africano nas músicas brasileira e americana que passaram a ser “pareceiras” em minha música. Então, essa mudança tão clara para quem tocou no começo da banda foi se dando ‘silenciosamente’ no decorrer das nossas experimentações.

Cumbuca: Fale um pouco sobre os workshops que a banda

fez pelas cidades do interior. O que acha da efervescência atual da cena local? Tenho notado o aumento de espaços, de grupos, etc. Aracaju, enfim, tornou-se uma cidade autosuficiente para os músicos e artistas?

Henrique: Cidade alguma é autosuficiente para seus músicos e artistas – é bom começar frisando isto. Precisaremos sempre, como qualquer artista, sair de casa. respirar outros ares. Neste caso, seguindo a ideia de artistas como Chico Queiroga e Antônio, que já haviam se aventurado nas escolas, montamos nosso circo de uma forma pedagógica para, a partir de 2004, ocupar um espaço na educação musical de nossos garotos, assim como, de certa forma, ajudar a criar um público mais conhecedor da música e, consequentemente, mais consciente do universo dos palcos e da produção musical. Fizemos incursões em escolas e nas cidades do interior, em projetos que deram ótimos resultados e construtiva repercussão para a cena.

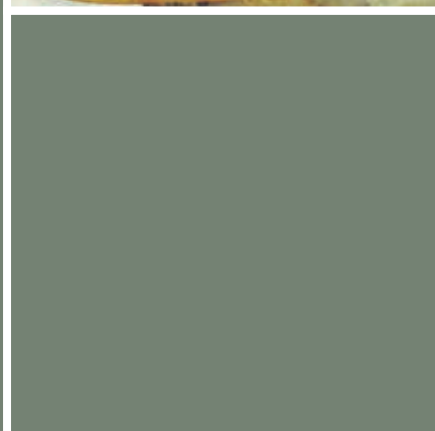
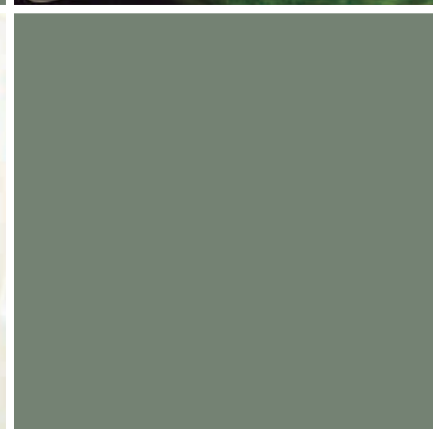
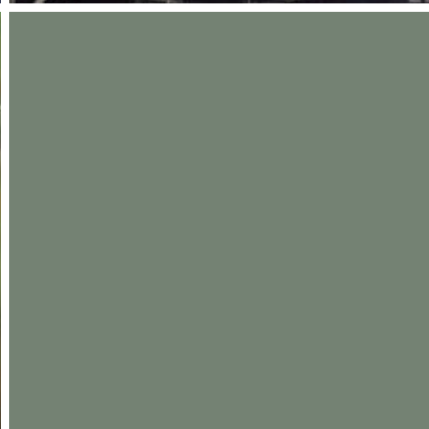
Quanto à cena, hoje ela é de uma riqueza impressionante. Nomes que não deixam a desejar diante de artistas consagrados da música brasileira nos dias atuais.

Mas, faço logo a ressalva de que, mais do que UM NOME, importa muito mais a consistência de uma cena. Por isso mes-

mo, temos agido mais coletiva e colaborativamente com artistas e técnicos de outras áreas, inclusive, para que toda a realidade se fortaleça e possamos desfrutar de um status de celeiro de grandes músicos, compositores, intérpretes, como de fato o somos.

Cumbuca: O primeiro álbum (“Grão”) data de 2002. O trabalho foi bem recebido e rendeu muitos shows. O mais recente (“Un Nu”) é de 2012 e me pareceu ter sido de divulgação mais modesta. Como foi a recepção ao novo álbum? O que mudou entre esses dois lançamentos, em termos de banda e de cena musical?

Henrique: Nenhum rio é o mesmo; muito menos nós. Quando chegamos com o “Grão”, fomos pegos de surpresa, pois não esperávamos que as coisas acontecessem tão bem. De lá para cá, a cena mudou e melhorou muito mais, mas nós também mudamos – e, acredito, para melhor. O “Un Nu” não foi concebido com o ímpeto do “Grão”, mas este terceiro álbum parece estar se colocando no seu lugar na história, como um disco que não teve sequer show de lançamento – apenas uma apresentação à imprensa com um pocket show, que aliás foi muito legal. Entretanto, é bom que se frise, é para mim o melhor álbum da Maria.



1984 e a canção popular em Aracaju

Antonio Passos

Este é um papo adormecido por 30 anos: o decorrer e o resultado final do 1º Festival Estudantil Novo Canto, realizado em Aracaju no ano de 1984. Entre 1984 e 2014, passaram-se 30 anos! Estive no olho daquele furacão, participei e saí vencedor e vaiado daquele festival, como compositor da canção “Canto à Esperança”.

Até aí nada de mais. Ocorre que aquele Novo Canto de 84 e as edições seguintes, além de outros festivais paralelos, revelaram uma geração quase inteira de compositores e intérpretes que sucedeu e passou a conviver com a marcante safra imediatamente anterior, que rompeu os anos 80 no palco, representada entre outros por: Adelson Alves, Alcides Melo, Antonio Carlos Du Aracaju, Bolo de Feira, Bosco Scaffs, Cata Luzes, Chico Pires, Cícero Farias, Emanuel Dantas, Grupo Repente, Henrique Souza, Irmão e Tonho Baixinho, Jimmy e Nenen, Joésia Ramos, Luiz Eduardo Oliva, Lula Ribeiro, Mingo Santana, Neu Fontes, Paulo Lobo, Waldefrê e Nery etc.

Na primeira edição do Novo Canto, foram ainda premiados: Chico Queiroga (segundo colocado), Pantera (terceiro lugar) e Maria Quaranta Lobão (quarta colocada). Nas edições seguintes despontaram Antônio Rogério, Bandauê, Gena Carla, George Martins, Gilberto Nunes, Joalbo, Marco Aurélio, Marcos Odara, Nino Karvan, Rivando Góis, Sena, Sergival, Tânia Se-

vla, Zelda Leite e outros, além das primeiras bandas de rock dos anos 80. Alguns desses continuavam em plena atividade musical. Além de ter sido um ninho, o Novo Canto repetiu, ainda, um dos rituais mais simbólicos dos grandes festivais nacionais da década de 60: o batismo pela vaia.

Realizado paralelamente à série Novo Canto, lembro, com destaque, do Fest-Livre. Para lá correram os novos universitários que não podiam mais participar do estudantil Novo Canto e quem mais topasse, pois (salvo

engano) não havia critério de escola-

As letras de canções retratando a paisagem social vinham ganhando relevância destacada no Brasil desde os festivais da década de 60.

ridade. No Fest-Livre, vi e ouvi pela primeira vez Marta Mari e Del Alencar. Acho que foi também onde conheci Kléber Melo, Dirceu Passos e Beto, Gilton Lobo. Rubens Lisboa participava da produção, já demonstrando a generosidade, a determinação e o brilho confirmados pelo artista. Jorge Lins também empreendeu um badalado festival nas areias de Atalaia, que acabou funcionando como um segundo estágio, pois predominaram marinheiros do palco que não eram de primeira

viagem. A canção vencedora foi composta por Rubens Lisboa. Na UFS, o DCE realizou outro festival cuja sigla era FEMUFS.

Entre esses festivais, havia pontes e é claro que eu posso ter trocado algumas personagens de lugar ou esquecido nomes tão relevantes quanto os que aparecem citados. Desculpem-me se cometi equívocos durante a garimpagem da memória, não foi por mal. Voltemos agora à final do 1º Novo Canto e ao batismo pela vaia.

Quando o resultado final começou a ser lido nos microfones de um Auditório Lourival Baptista completamente lotado, com todos os corredores cobertos de gente sentada ou de pé, eu estava do lado de fora. Ao ser divulgado o segundo lugar para “Fim de Primavera”, de Chico Queiroga, a campeã popular do festival, após as premiações de “Samba da Utopia”, em quarto, e “Lume”, em terceiro, a insatisfação pipocou na plateia. As vaias passaram a ser intensas e continuadas com o anúncio da vencedora: “Canto à Esperança”.

Tive duas grandes dificuldades naquela noite. A primeira foi atravessar a plateia – pois eu estava do lado de fora, na entrada do auditório – e voltar ao palco. A segunda foi tocar a canção, cantada pela mineira Julie, sob as sufocantes vaias. Claro que alguém aplaudiu e vibrou, mas o grupo dos que aprovaram a decisão do júri era nitidamente menor que a turma dos discordantes. O de-

bate não se esgotou. A polêmica em torno do resultado temperou muitos papos posteriores.

Uma história que circulou meio clandestinamente naqueles dias apimentou ainda mais as discordâncias. Vazou que, ao final da contagem das notas, as canções “Canto à Esperança” e “Fim de Primavera” ficaram empatadas, em primeiro lugar, com a mesma pontuação. A importância dada na época, confirmada nos debates de mesa de bar, ao resultado do 1º Novo Canto indicam que havia uma expectativa, entre quem se interessava pela música popular feita em Sergipe, de que os festivais ainda fossem, em 1984, o palco renovador e propulsor da canção popular. Aquela expectativa revela o eco local, passadas quase duas décadas, do impacto causado pelos grandes festivais nacionais de música.

Naquele 1º Novo Canto, o empate poderia ter sido confirmado, repetindo aqui a hábil solução encontrada para a final do Festival nacional da TV Record de 1966, quando “Disparada” e “A Banda” dividiram o primeiro prêmio. Brincadeira! No Festival da Record de 1966 a decisão pelo empate veio legitimar uma divisão já existente entre o público. No 1º Novo Canto, se fosse para confirmar a expressão da preferência popular “Fim de Primavera”, de Chico Queiroga, seria a campeã, e “Canto à Esperança” poderia dar-se por satisfeita se viesse a entrar no compacto

duplo que seria lançado com as quatro primeiras.

Porém, como se diz, o “se” não faz história. Em Sergipe, comenta-se que alguns jurados, cujas identidades nunca me interessei em esmiuçar, teriam argumentado que a

Após o ano de 1984, dois movimentos que já circulavam pelos bastidores da cena musical em Aracaju subiram ao palco principal: uma nova safra de cantores vindos da noite e as bandas de rock dos anos 80.

letra de “Canto à Esperança” era a melhor do festival. As letras de canções retratando a paisagem social vinham ganhando relevância destacada no Brasil desde os festivais da década de 60. Talvez, espelho, para parte importante da comissão julgadora, “Canto à Esperança” tenha dito mais sobre o Brasil social e político de 1984, tornando-se, assim, merecedora do primeiro prêmio.

Com a afirmação que encerra o parágrafo anterior, insinuo ainda que aquele Novo Canto de 1984 e já os dois festivais da MPB, esses promovidos pela TV Sergipe, em 1981 e 1982, representam, em alguma medida, um

esforço sergipano, buscando repetir em solo nativo o momento mágico vivenciado pela música popular brasileira nos grandes festivais patrocinados pelas emissoras de TV Excelsior, Record e Globo, nas décadas de 60 e 70. O contexto era outro, mas a realização de um festival local pela emissora de TV líder de audiência, com transmissão ao vivo das eliminatórias e da grande final, gerou um clima intenso de “agora vai” na música sergipana – isso aconteceu em 1981. Não lembro se a TV Sergipe também transmitiu a segunda e última edição do FSMPB, em 82. Disco, em vinil, só teve o LP do 1º FSMPB. Não alcancei festivais anteriores, embora já tenha ouvido que houve.

O primeiro Novo Canto, tocado pelo ímpeto do agitador cultural Jorge Lins e realizado pela Subsecretaria de Cultura e Arte da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, foi transmitido apenas por uma emissora de rádio, a Liberdade AM, sob o comando do prestigiado apresentador, Chicão. Se o início da década de 80 já era um tempo tardio para o protagonismo dos festivais no desdobramento da linha evolutiva da música popular brasileira, tínhamos aqui a esperança de que aquele modelo de espetáculo ainda fosse um meio bastante viável para a explosão da nossa música, o que, em âmbito local, ainda revelou alguma validade. Por isso, entre nós, os festivais de música dos anos 80 continuaram oferecendo sabor intenso.

Contudo, evidencia-se, na minha avaliação, um contraste entre como são percebidos, retrospectivamente, os festivais nacionais de música das décadas de 60 e 70, despertando grande interesse e o silêncio acerca dos descendentes locais que alcançaram a década de 80. Penso que aqueles devam ser tão relevantes para a cultura brasileira quanto seriam os locais para a cultura sergipana. Contudo, enquanto proliferam estudos acadêmicos, livres reflexões e documentários sobre a cena nacional, continuamos quase virgens em Sergipe. Que fique aqui uma semente e um incentivo aos estudantes universitários, aos historiadores e aos novos documentaristas.

Voltemos agora ao Brasil de 1984. O país vivenciava um lento e doloroso definhamento da Ditadura Militar. Como jovem cidadão, acompanhei, por um telão instalado na Praça Fausto Cardoso, ao vivo, a derrota da proposta de emenda constitucional, apresentada pelo deputado Dante de Oliveira, que propunha o restabelecimento das eleições diretas para presidente. Para que os mais jovens possam estimar, o Brasil de 1984 manifestou-se nas ruas de um modo semelhante ao que ocorreu coletivamente em junho de 2013.

A campanha por “Diretas Já” estava nas ruas temperando o clima político e social que varria o país. Foi naquele cenário que surgiu “Canto à Esperança”, uma canção que diz: “tudo

está meio ruim, sufocado, mas tenhamos esperança porque a liberdade e a prosperidade estão batendo à nossa porta”. Curioso é que “Fim de Primavera” canta coisas semelhantes e o “Samba da Utopia” também. Porém, entre essas e as demais canções, “Canto à Esperança” foi a que mais agradou ao júri. Já o público em geral foi mais tocado pela expressão musical e poética de “Fim de Primavera”. Daí decorreu o meu batismo pela vaia. Não recordo de vaia proporcional nos festivais anteriores, de 81 e 82, mas, avalio que é bem diferente ouvir uma vaia estando entre o público e sendo o vaiado. Cabe contestação. É uma questão de ponto de ouvido.

Após o ano de 1984, dois movimentos que já circulavam pelos bastidores da cena musical, em Aracaju, subiram ao palco principal: uma nova safra de cantores vindos da noite e as bandas de rock dos anos 80. Saindo da muvuca apelidada de Baixo Barão – fileiras de bares dos dois lados da Av. Barão de Maruim, no trecho entre as ruas Santa Luzia e Itabaiana, e mais alguns desgarrados adjacentes, que fechavam as pistas de gente nas noites das quintas-feiras –, fomos ouvir os shows de interpretação de Amorosa, Pantera, Jorge Ducci e outros, nos bares da Atalaia. Aquele foi ainda o tempo do *boom* do rock nacional dos anos 80, também em Sergipe. Aqui começa uma nova história ou um novo pedaço da mesma história. 





Rita Peixe

*uma Sereia em
nossas vidas*

Vieira Neto

Ilustração: José Clécio

A legendária Rita Peixe é um patrimônio imensurável de Sergipe, uma mulher extraordinária que tornou-se célebre mercê do seu talento incomum para a natação, assim como o seu irmão Zé Peixe, além, é claro de ter sido, mesmo inconscientemente, pioneira do feminismo em nossa Aldeia. Uma linda adolescente que ousou desafiar o falso puritanismo de uma sociedade que, em sua época (idos de 1950/1960), se “escandalizava” ao ver uma mulher praticando um esporte considerado, de forma equivocada, uma exclusividade dos homens: a natação. Precisava ver com que garra Rita Peixe conseguia atravessar, a nado, um rio Sergipe de águas claras, até então longe de se transformar em depósito de toda gama de dejetos pútridos e anuseantes, em vias de se transformar no maior esgoto a céu aberto de Aracaju. Com ágeis braçadas e movimentos sincronizados, bem ao estilo da atriz Esther Williams, ela alcançava, em poucos minutos, as areias da praia da Atalaia Nova, no município vizinho, a então paradisíaca Barra dos Coqueiros, que, aos poucos, está sendo descaracterizada pela fome insaciável da especulação imobiliária.

Mas Rita não se dedicava tão somente à natação. Aos 14 ani-

nhos, já havia lido *A Divina Comédia*, *Dom Quixote*, *Os Lusíadas* e outros clássicos da literatura mundial. De temperamento forte, característica típica dos vencedores, desde cedo, a menina-moça deixou bem claro o seu desejo de independência, sempre mil anos-luz à frente do seu tempo. Uma predestinada.

Rita Peixe foi – e ainda continua sendo – um marco da nova mulher. Como pioneira, pagou o preço dos exageros, choques, sustos e espantos. Sua marca de alegria, o comportamento de menina rebelde, a ânsia indefinida representavam, cruamente, a situação da mulher que vai deixando a tradicional atitude de dependência e dissimulação, para uma ativa participação na vida.

Sem necessitar de teorias ou interlocuções, Rita seguia o que a emoção lhe determinava, mostrando como não é apenas da razão fria que as pessoas podem viver. A emoção lhe dizia que, numa cidade cheia de sol, a alegria deve ser a norma entre as pessoas. Que algo há de intenso no instante que passa, que os formalismos exagerados são expressões de recalques muito antigos da humanidade. E, mais adiante, ela iria entender que só a maternidade e o amor aos filhos completaria a mulher em sua existência plural e singular.

Vivemos um tempo de expansão do sensorial. Dos sentidos, emoções, intuições, do renascimento de zonas antes esmagadas de nosso psiquismo, pelo império absolutista da razão.

Essa expansão ainda vive momentos desordenados, é verdade. Breve chegará o tempo em que os mecanismos puramente racionais não mais serão fiscais severos da emoção, mas elementos ordenadores de sua energia vital.

Rita representava a anti-hipocrisia. Seus anjos e demônios (os nossos) não brincavam de esconde-esconde, nem de cabra-cega, brincavam de “manja”. O afã era o de buscá-los e encontrá-los para com eles conviver em alegria.

O homem comum sabe o quanto engole para poder aparentar. Por isso sabe (e teme) a força residente nas pessoas que se assumem integrais, assim como a nossa Rita Peixe.

Sensação e sinceridade na brincadeira de “manja” da existência, ela que, por se assumir, assumia também a criança que era – eis Rita Peixe! Por isso, ao nadar livremente, tornava conhecido de todos, sem pudores menores, o seu corpo, e seu belo corpo de mulher, templo de sua vida, corpo ao qual não associava sentimentos de culpa oriundos do “pecado original” perdido no inconsciente coletivo dos povos. **☐**



Rita Peixe

Foto: Humberto Aragão

O DOMINGO ERA ASSIM...

Petrônio Gomes

Era-nos facultada a escolha entre a missa das sete ou a das nove horas da manhã, na Catedral. Os mais preguiçosos preferiam esta última, pois vem de longe o mau costume de se adiar a “obrigação”. Se tínhamos o direito de escolher a hora da missa, não podíamos, entretanto, perdê-la, nem pensar! Seria o mesmo que estragar o domingo inteiro, atraindo sobre nós os olhares carregados dos pais, que não estavam “criando hereges”.

A Santa Missa era celebrada em Latim e o oficiante a rezava de costas para os fiéis, que não entendiam patavina do que ele dizia. O padre era auxiliado por um acólito, ou “coroinha”, geralmente um garoto levado da breca nos dias úteis. Como não se entendia a reza do padre, formavam-se uns grupinhos de rapazes fora da igreja, para os comentários sobre assuntos sempre estranhos às recomendações da Caridade. Esses grupinhos renitentes sabiam quando deviam retornar ao recinto do templo nos momentos mais importantes.

Depois da missa, o café com cuscuz, legítimo de Braga, feito em cuscuzeiro de barro, coberto com um pano escuro e furado. Conversa na hora da refeição era mais frequente entre os adultos. Qualquer pergunta dos meninos a respeito de qualquer assunto era sempre rebatida na hora, principalmente quando eles não sabiam responder. A gente aproveitava para comer enquanto eles estavam falando.

Após o café, o banho de mar na Praia Formosa, um recanto que haveria, mais tarde, de perder a formosura, quando se tornou passagem para a “zona sul”. Essa praia oferecia a vantagem do simples acesso, pois os seus frequentadores surgiam de todos os lados, a pé, escoltando bandos de crianças. Quando a maré estava na vazante, e se houvesse o azar de acontecer isto no domingo, a Praia Formosa parecia um imenso campo de concentração de gente seminua e triste.

Os mais afortunados, todavia, seguiam para a Atalaia Velha, a bordo de seus raros automóveis ou compondo a lotação de “marinets” fretadas para este fim. Em qualquer dos casos, era sempre uma aventura tomar banho no “oceano”.

Os rapazes usavam uns calções de banho parecidos com as “bermudas” de hoje, com a diferença de que não tinham bolsos. Ninguém ficava de peito nu na praia, de um lado para outro. Era de praxe uma camiseta, que a gente pedia para alguém guardar quando dava vontade de entrar na água.

As moças usavam uma espécie de camisa de força que deixava apenas os membros livres, assim mesmo nem tão livres. Quando surgiu o maiô de duas peças, foi um acontecimento que estremeceu a cidade, pois ninguém seria capaz de imaginar a possibilidade de tamanho atrevimento.

Depois da praia, almoço. Domingo era dia de galinha, uma galinha só. Era o único momento em que a paz do lar parecia desaparecer, sendo uma família numerosa. Todos nós gostávamos de coração, e galinha só tinha um. Todos nós gostávamos de moela, mas a galinha só tinha um estômago. Esperávamos o mais precioso: o peito, a titela. Mas era costume reservar a titela para o jantar, quando ela seria servida assada.

À tarde, cinema. Sessão das quatro no Guarani, com direito a seriado depois do filme. Picolé no corredor do cinema, xingamentos dos meninos que estavam na “geral”, um poleiro de madeira que havia nos fundos da sala de projeção, quase tocando no teto, quente como o diabo. Eles estavam xingando quem podia chupar picolé. Sempre haverá descontentes no mundo.

Terminada a “janta”, uma volta pela praça Fausto Cardoso, ouvindo a banda da Polícia Militar, vestindo o melhor terno de Panamá, em busca de olhares enamorados, mas já com o pensamento nos deveres da segunda-feira.

Domingo, em Aracaju, era assim. **G**



NOVIDADES, MEXERICOS E ESCÂNDALOS NAS RETRETAS DOS ANOS DOURADOS

Tereza Cristina Cerqueira da Graça

*Nas noites de domingo a invariabilidade
Da banda no coreto em estos de harmonia
Ao longo da calçada, a vida, a mocidade
Distraidamente, em grupos, conversava e ria!*

(Jacinto Figueiredo. **Motivos de Aracaju**, p. 69.)

Por mais de um século, a Retreta de Aracaju estabeleceu-se no trecho do Palácio do Governo onde, aos domingos, as bandas começavam a executar suas marchinhas, boleros e outros ritmos por volta das 17 horas. Rapazes e moças por lá estavam bem antes daquela hora, a circularem entre a Praça Olympio Campos e o Parque Teófilo Dantas. Certamente, já haviam comprado balas *Imperial*, chicletes *Ping Pong* uma revista na *Bomboniere Chic*, tomado um sorvete na *Primavera* ou na *Yara* ou saboreado o cachorro-quente do Seu João com o refrigerante *Jade*.

Ilustrações: Felipe Ferreira



As sessões das 19 horas do suntuoso Cine Palace competiam com a Missa da Catedral, desvirtuando tradicionais famílias católicas. Saídos da diversão ou da devoção, elegantes senhoras, distintos cavalheiros, rapazes e moças davam início ao *footing* pela Rua João Pessoa, a apreciarem as vitrines das lojas. Entretanto, nenhum dos objetos expostos entre flores de crepom, pétalas naturais, pisca-piscas cintilantes ou caninhos coloridos de neon conseguiam diminuir a ansiedade dos jovens em exibirem-se na Retreta. Ali encontrariam amigos, saberiam dos últimos “ti-ti-tis” e poderiam arrumar um broto ou um tipão. Acompanhemos essa moçada.

O estudante de Direito, com seu terno em tropical inglês, comprado na *Manufatura Curvelo*, estufa o peito e segura firme a mão da bela namorada, eleita Miss Centenário. Ele mesmo mobilizara seus amigos e parentes para encher-lhe devotos através do rádio. Cumprimenta colegas

e amigos, esmerando-se para mostrar aos sogros, que os acompanha logo atrás, suas ‘boas relações de amizade’. Entre olhares admirados e curiosos, a moça desfila seu vestido godê duplo estampado de organdi com forro em moiré; cinto e sapatos, do mesmo tecido, fabricados pelo conhecido sapateiro Juvenal. Sua diminuta cintura causa inveja a algumas jovens que apostam que aquela exibida está usando cinta *Vespa*. “Esse vestido já está modê!”, observa uma invejosa.

As moças direitas evitam as moças faladas. Com risinhos indiscretos apontam aquela que gazeia aula para ir com o namorado de *Cadillac* à praia de Atalaia. O que se andavam fazendo no balneário despertava a indignação dos conservadores. Segundo um jornalista, a Atalaia era o local onde “gente granfina e rebelde” faz seus escândalos sexuais, o que “está levando a bela e pacata praia a marchar aceleradamente para o nudismo”, podendo chegar a “ganhar de Copacabana, símbolo brasileiro da inde-

cência pública”. “Deus me livre andar sozinha num carro com um homem!”, jura a moça de família.

Causa sensação três garotas em seus trajes do *Fã-Clube de Emilinha Borba*. Uma delas exibe a faixa de Rainha. São bonitas e têm elegância e frescor! Os rapazes as olham com interesse. Um grupinho de dondocas destila seus venenos em risos incontidos: “Que presepada! Só um pobretão vai querer essas suburbanas! Sentiram o cheiro forte de *Promesa*?!”, pergunta às amigas a dondoquinha que cheira a *Five O’ Clock*.

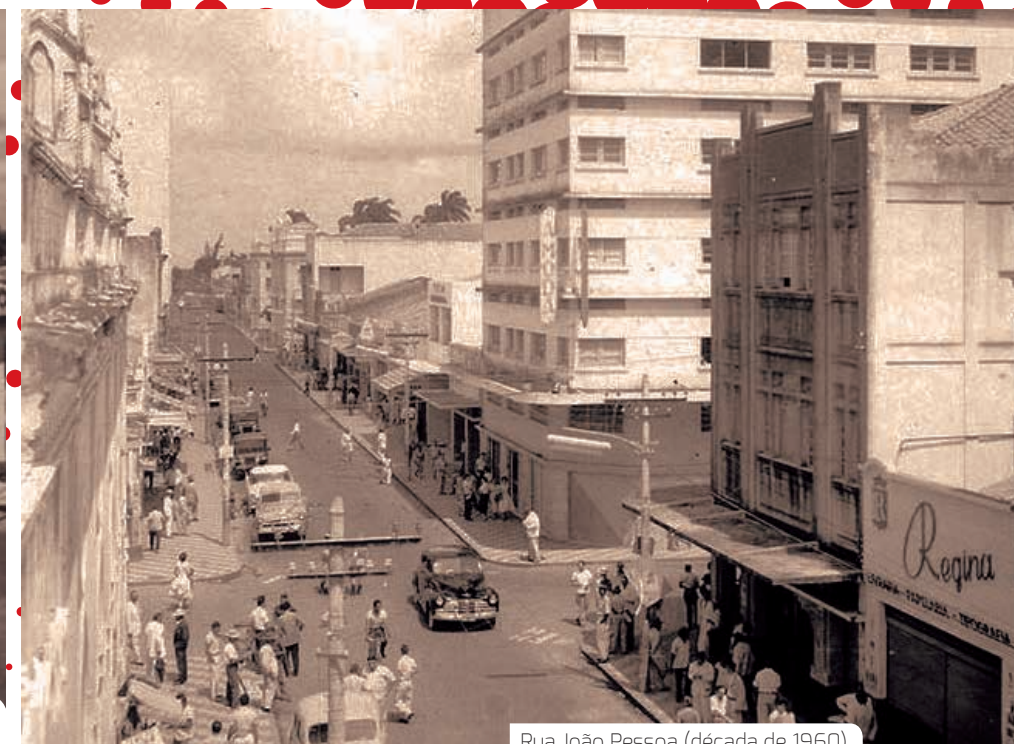
Em 1953, alguns jovens ainda vinham para a Retreta de bonde. Mas, a maioria tomava as marinetes, as velhas chocolateiras, “carros velhos, estragados, sem freios e com barra de direção amarrada por arames” (O Nordeste, 19 Jan. 1952). As radionovelas eram assunto preferido entre as jovens suburbanas. *O Direito de Nascer*, um dramalhão argentino, adaptado por Eurico Silva, foi fenômeno de audiência no Brasil. O sofrimento de Isabel Cristina, a jovem



Ponte do Imperador (década de 1950)



Praça Fausto Cardoso e o Palácio do Governo (década de 1960)



Rua João Pessoa (década de 1960)

apaixonada pelo médico casado, Albertinho Limonta, consterna as meninas pobres que ali na Retreta esperam encontrar seu rico príncipe encantado.

Na companhia de um conhecido líder estudantil, três rapazes de calças pretas apertadas e blusões de couro aparecem na Retreta. São seus primos vindos do Rio de Janeiro. Aos olhares desconfiados e reprovadores, os 'transviados' respondem com baforadas espessas de cigarro *Continental* e gestos displicentes. A moçada abre alas para o quarteto passar, resguardando-se de um possível contato físico. A jovem Luíza não consegue disfarçar seu encantamento. É amiga do grupo de playboys do Iate Clube que ouve Bill Harley e participa de corridas de carros. Vai comentar a semelhança de um deles com o bonitão Marlon Brando, no filme *O Selvagem*, quando observa que as amigas falam do assassinato de Aída Cury por delinquentes viciados. Cala-se!

Há um pequeno grupo de jovens estudantes do Atheneu que costuma se reunir no mesmo lugar. Esses jovens quase não circulam e estão sempre

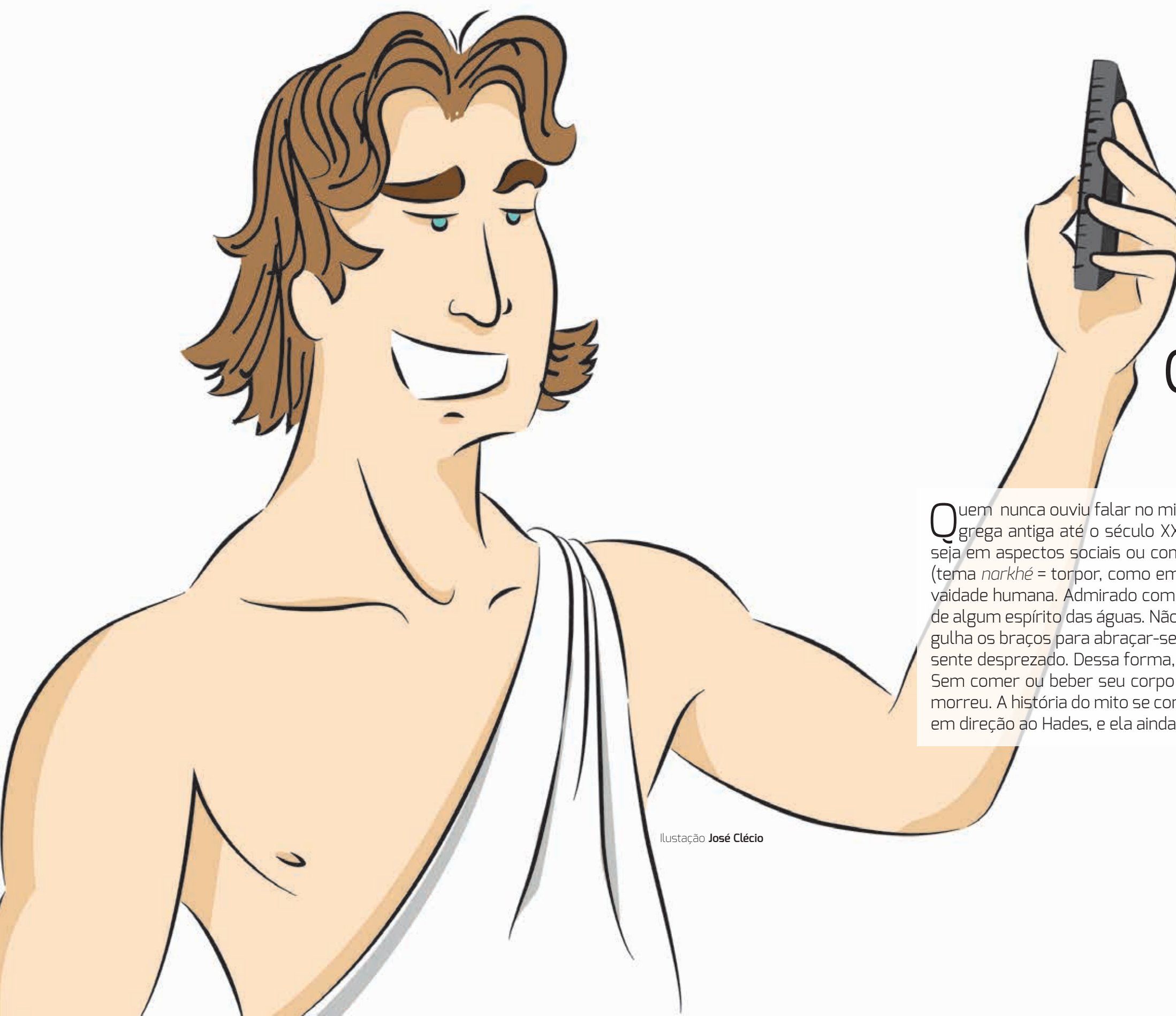
discutindo assuntos importantes: os eventos da Arcádia, a organização de Embaixadas, a inserção do Grêmio Estudantil Clodomir Silva nos protestos pela meia passagem e meia-entrada nos cinemas. Portam-se como sérios intelectuais preocupados com os destinos da massa alienada, inclusive dos que só pensam em flertar na Retreta! "Não sei o que tanto discutem esses bobalhões! Uma cambada de *jilós* que disfarça o medo de mulher com essas conversas de literatura e de protestos!", diz o belo rapazola de olhos azuis e cabelo preto de pimpão armado de Gumex, o *Dom Juan da Retreta*, admirado pelos *chapas* e cobiçado em segredo pelas mocinhas direitas.

Entre os rapazes mais velhos, as visitas às casas de perdição são comentadas em voz baixa para não ferir os ouvidos das moças de família. Já não havia mais os luxuosos cassinos *5 de Julho* e *Atlântico*, com orquestras, shows artísticos e mulheres bem vestidas. Restavam algumas poucas casas, como o *Alabama*, o *Miramar* e o *Boa Vista*. Mário Cabral

diz que esse último era "uma baiuca, uma espelunca, na qual se entra sem a certeza de se sair vivo" (Cabral, 1955, p. 74). "O que é que tem? Eles são homens, tem que conhecer mulher antes de casar!", responde uma amiga à outra, que ouvira lances da conversa dos rapazes libidinosos.

Nesta bela noite de Retreta, passeia um estreante cantor de mãos dadas com a sua linda namorada Dorinha. O rapazola, vestido de calça vermelha, camiseta amarela, blusão de couro e botas pretas, havia sido muito aplaudido no programa *Matinal dos Brotos*, cantando o sucesso de Ângela Maria, *Rua sem Sol*. Na plateia, as "meninas de vida airada", suas vizinhas da Rua Simão Dias, levaram flores para o novo ídolo (Vieira Neto, 2009, p. 76). A jovem prostituta Dorinha comandava o grupo. Agora, Dorinha desfila com o garoto pela Retreta. Alguém observa que aquela não é uma das meninas decentes que frequentam a passarela. Apontam, falam mal, afastam-se. É Vieira Neto, que não dá bolas... Abraça sua ninfã e prossegue retretando... ■





A presença de Narciso nas águas do Facebook

Juliana Almeida

Quem nunca ouviu falar no mito de Narciso e Eco? O caminho percorrido desde a cultura grega antiga até o século XXI trouxe uma atualização quase que orgânica desse mito, seja em aspectos sociais ou como parafrenias. A trágica história do belo homem, Narciso (tema *narkhé* = torpor, como em narcótico para nós), é uma importante representação da vaidade humana. Admirado com sua própria imagem em um lago, o jovem pensa tratar-se de algum espírito das águas. Não se contendo, baixa o rosto para beijar o seu reflexo e mergulha os braços para abraçar-se, mas o contato com a água faz sua imagem sumir e ele se sente desprezado. Dessa forma, Narciso ficou dias a admirar sua própria imagem na fonte. Sem comer ou beber seu corpo definha. A beleza e o vigor deixaram-no e, assim, Narciso morreu. A história do mito se completa com a sombra de Narciso atravessando o rio Estige, em direção ao Hades, e ela ainda debruça-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

Ilustração José Clécio

O mito de Narciso influenciou muitos artistas ao longo dos séculos. Nas artes plásticas, há pinturas de Caravaggio, Nicolas Poussin, Turner, Salvador Dalí e Waterhouse. Na literatura, encontram-se várias passagens na obra do russo Fiódor Dostoiévski e na obra do escritor inglês Oscar Wilde – o romance *Retrato de Dorian Gray* seria uma representação do homoerotismo retratado no narcisismo. Os estudos psicanalíticos do narcisismo tomaram verdadeiro impulso com Freud em seu artigo intitulado ‘Introdução ao Narcisismo’. As primeiras observações do ‘pai da psicanálise’ procuram identificar a origem do narcisismo como um investimento libidinal do ego.

O sociólogo e historiador americano, Richard Sennett, observou que o narcisismo social se potencializa, na medida em que, as relações sociais encorajam o crescimento da valorização do ‘eu’ e anula o senso de contato social significativo fora dos seus limites. Na sociedade intimista, os atores são mais importantes do que as ações, ou seja, o que é mais relevante não diz respeito ao que a pessoa fez, mas, como se sente a respeito do feito. Ele ainda destaca que esse narcisismo atua nas relações sociais porque há uma cultura privada de uma crença no público e que é orientada por um sentimento

intimista como parâmetro de significação da realidade.

Os ‘narcisos’ contemporâneos encontraram outras águas para navegar. O reflexo da imagem no lago deu lugar ao ecrã dos computadores, tablets, smartphones e tudo que possa incorporar a cultura do compartilhamento. Grandes sociólogos e historiadores já chamavam a atenção para o excesso de exposição da intimidade na vida pública muito antes da internet, desde o século XVIII, mas, certamente, a ‘era’ digital trouxe uma espécie de contágio viral da necessidade de se tornar diferente, se destacar.

Claro que tudo está ligado à sociedade de consumo. O consumo e o narcisismo, que revolucionam esferas culturais e comportamentais, devem ser pensados não apenas como um espelho da vaidade individual, mas como podem representar mudanças significativas nas relações sociais. Isso é um passo importante na percepção de como esse espectro pode interessar diretamente ao entendimento das sociabilidades contemporâneas.

A possibilidade de ‘ver’ e ter ‘visibilidade’ pelas redes sociais digitais amplia, significativamente, comportamentos de diferenciação social e de referência. Assim como o culto ao corpo e o desenvolvimento de práticas narcísicas, a sociedade de consumo busca, incessante-

mente, estratégias para vender padrões de satisfação. O grande sociólogo e filósofo francês, Jean Baudrillard, traz uma interessantíssima discussão sobre o mito da felicidade e igualdade na sociedade contemporânea, que acaba adquirindo uma característica particular ao ter que tornar-se mensurável. Dessa forma, a felicidade e o bem-estar são dimensionados pelos signos e objetos que possam ser vistos. Mesmo sendo uma necessidade individual, a felicidade se fundamenta em propósitos visíveis.

O que toda essa discussão tem a ver com o Facebook? Tudo! Como uma grande vitrine, essa rede social – com seus mais de um bilhão de usuários

no mundo – tem servido como um

O reflexo da imagem no lago deu lugar ao ecrã dos computadores, tablets, smartphones e tudo que possa incorporar a cultura do compartilhamento.

reflexo das manifestações narcísicas contemporâneas de contemplação física ou intelectual, além de reforçar estereótipos de beleza através da publicização do consumo material e simbóli-

co. Não só na *timeline* é possível fazer esse tipo de constatação, mas também nas *fanpages* que se proliferam com um número bastante significativo de seguidores. Páginas como: Fina e Rica; Bonita é você, EU SOU LINDA; Homens gostosos; As + gostosas do FACE apresentam milhares de ‘curtidas’ e reforçam o estereótipo de homens e mulheres magros, sarados, felizes e, acima de tudo, bem sucedidos.

O desenvolvimento e popularização do Facebook estabeleceu um fenômeno de criação de ‘modas’ que potencializam a exploração da imagem na rede. Trata-se de duas formas de tirar foto para colocar na rede social: O *selfie* (um autorretrato onde, com o braço esticado para si, o usuário consegue tirar sua própria foto) e, mais recentemente, o *braggie* (fotos postadas na rede com a finalidade exibicionista para provocar inveja nos amigos e parentes).

Para se ter uma ideia da dimensão do *braggie*, foi feita uma pesquisa no Reino Unido e verificou-se que cerca de 5,4 milhões de usuários de redes sociais digitais no país postam esse tipo de foto, sejam elas tiradas em viagens, festas ou na intimidade. Um dado interessante é que sete em cada dez usuários da rede admitiram que manipulam as fotos antes de postá-las: 5% dos homens editam as imagens para

parecerem mais magros, contra 2% das mulheres. Portanto, o *braggie* reforça o consumo e o exibicionismo como forma de distinção social. Ainda segundo a pesquisa as poses mais comuns do *braggie* são: praia (43%), com bebidas (12%) e os beicinhos para as lentes (3%).

Esse caráter efêmero da sociedade contemporânea gera a chamada paixão consumptiva (um tipo de paixão que se extingue em sua própria intensidade) pelas coisas, e traz uma força dramática, já que o desejo é muito maior do que o sentimento de posse. Por exemplo, nosso desejo de determinada roupa pode ser ardente, mas alguns dias depois de comprá-la e usá-la, ela já não nos entusiasma tanto, ou seja, a imaginação é mais forte na expectativa. E assim as relações vão se construindo.

É claro que nem todos os usuários da rede apresentam esse comportamento. Estamos falando de algo bastante recorrente e de total conhecimento de quem acessa cotidianamente o Facebook, por exemplo. Uma pesquisa feita por mim com estudantes universitários, para a dissertação de mestrado, mostrou que essa imagem pública mediada pelo Facebook traz um retorno de visibilidade. Cerca de 48% dos entrevistados disseram se incomodar quando os amigos do Facebook não curtem ou co-

mentam suas fotos. Isso reflete uma necessidade de atenção, ou seja, como uma espécie de ‘vitrine’, o Facebook também é visto como um espelho de aprovação e popularidade.

Portanto, no ambiente livre da internet é tolerável dizer aquela verdade que se pensa saber, assim como há possibilidade de expressar visões intolerantes; omitir o que se julga ser verdade e criar simulacros de si e das coisas. Nesse espaço, o narcisismo e o consumo simbólico se potencializam para aceitação grupal ou são re-

Assim como o culto ao corpo e o desenvolvimento de práticas narcísicas, a sociedade de consumo busca, incessantemente, estratégias para vender padrões de satisfação.

conhecidos, como um estilo de vida contemporâneo. Qualquer um pode ser possuído pelo espírito de Narciso no lago virtual e tão presente da internet. Mas cuidado! Como bem disse Caetano Veloso, “Narciso acha feio o que não é espelho” e há sempre o risco de se afogar em sua própria vaidade. ■



Ilustrações: José Clécio

AINDA FAZ SENTIDO LUTAR POR UMA?

Hélvio Dória M. Silva*

Antes de qualquer coisa, o título é uma reflexão e não uma pergunta capciosa para concluir lá no fim, que não. A pergunta fica mais simples assim: será que quando olho para um peixe de Leonardo Alencar, um pássaro de José Fernandes, um cavalo de Adauto ou uma face melancólica de Cristo numa tela com as pinceladas nebulosas de Joubert, o que

estou vendo, respectivamente:

é um xaréu no Thales Ferraz, um sabiá numa laranjeira, um cavaliinho de feira ou um sertanejo retirante de semblante triste?

A minha impressão é de que não e de que nem seria necessário, até porque estabelecer a fronteira entre o universal e o particular, nesse campo, é assunto para

Hegel e sua Estética, em seu esforço para estabelecer uma ciência da arte, um trabalho para gênios, como o idealista alemão. Mas voltando aos nossos quatro exemplos acima, o que podemos dizer com alguma segurança, é que essas imagens, embora não estejam ali retratadas, certamente povoaram a criação porque circundaram os

seus criadores desde muito cedo, talvez estejam também impregnadas na retina de quem as mira, a partir dos seus repertórios subjetivos. Este é o traço que distingue os nossos: Leonardo, Fernandes, Adauto e Joubert, daqueles que pensam fazer arte, mas fazem, de fato, artesanato – que não é menor –, mas diferente por ser *naif*, circunscrita, geográfica e

tecnicamente. A pergunta agora poderia se reformular: se não gozam de fama mundial, tal qual os *best sellers* globais da pintura contemporânea, por que, justo estes, seriam universais?

Primeiro, estes são exemplos, há outros sergipanos que poderíamos apontar, inclusive os que vieram antes, como capazes de comunicar em qualquer contex-

to. Mas nada é mais opressor e injusto do que esticar o dedão e apontar na paróquia a ausência de vultos locais na arte nacional ou mundial. De uma tacada só, parece ser a prova mais contundente da falta de um conjunto simbólico autêntico, que possa ser gritado para o mundo. Até faz algum sentido pensar assim, mas não dá para confundir uni-

versalidade com uma espécie de valor cultural incorporado a uma comunidade inteira, quase como uma qualidade genética, que as pessoas de determinada raça ou origem tragam em seu cerne, que lhes confira uma genialidade coletiva. Conhecimento e reconhecimento andam juntos e são fundamentais para despontar mundialmente e dependem de muitos vetores além da obra. Mas se não estamos a falar de uma característica física, geográfica, cultural, por que um povo, e não outro, entendeu tão bem os fatores a mais que são fundamentais para alavancar uma produção cultural que os projete, além-fronteiras e através do tempo?

Uma explicação possível é a de que perseguir, obsessivamente, a ideia de que toda a arte deve, de alguma forma, universalizar o simbolismo local é um atalho perigoso, e não é raro em nome disso se replicar velhas fórmulas, com novas caras, mas repetindo mecanismos manjados, fadigados, com uma roupagem *up to date*. De outra parte, será que aos caju, caranguejos ou saruês, tão nossos, bastariam uma serigrafia pop de Andy Warhol ou um traço nova-iorquino de Basquiat para tornarem-se, automaticamente, universais? Duvido. É preciso mais que isso. Os caminhos para a difusão da produção artística de uma geração vão muito além, nem falo de uma linguagem específica, mas da produção em seu conjunto.

É válido argumentar que uma arte sergipana é possível e até necessária, nem tanto pela contribuição pretensiosa à humanidade, o que é até desejável, mas porque a arte é uma forma de também divulgar Sergipe. Aliás, se bem soubesse, o poder público, sobretudo o executivo, definiria a produção cultural como meta primordial de sua estratégia auxiliar para projetar nossa imagem, isso porque a arte que funciona derruba muros ideológicos, idiomáticos e adentra com força nos corações e mentes mais longínquos.

Não há um só império, civil, militar e religioso na história que não tenha investido o melhor de seus recursos e inteligências para levar os seus valores, até impô-los, através de sua arte a outros povos. Hollywood, hoje, não é menos que uma arma poderosa dos americanos e até dos costumes ocidentais. Nenhuma novidade, propaganda e arte sempre tiveram uma ligação umbilical, seja quando estiveram empenhadas em edificar poder, seja quando, pelos seus engajamentos, se esforçaram por desalojar.

A tentativa, aqui, é demonstrar que nenhuma destas discussões é recente, muito menos quaisquer destes pontos de vista foram refutados objetivamente, pior, não parece que essa ampla confrontação tenha prazo para se esgotar. O Platão crítico ferrenho da arte, não “de” arte, que fique bem claro, sequer achava lugar

para os artistas em sua República, tamanha sua aversão à “imitação” do mundo real, muito embora fosse ele próprio grande artista, um escriba incontestado. Hegel, mais de dois mil anos depois, com todo empenho, sustentou que nada

Uma arte sergipana é possível e até necessária, nem tanto pela contribuição pretensiosa à humanidade, o que é até desejável, mas porque a arte é uma forma de também divulgar Sergipe.

está mais impregnado do espírito absoluto do que a bela arte, e Allain de Botton, em seu *Religião para Ateus*, vê ainda hoje na arte,

um dos legados arrebatadores do catolicismo, mesmo num ocidente secularizado, e vai além, ele enxerga os museus e galerias como os novos templos, Inhotim, talvez

Sergipe precisa é acordar para o fato de que arte é artigo de primeira necessidade, fonte de trabalho para muita gente e forte instrumento de divulgação e atração turística.

seja o que mais se pareça com essa definição.

Nossas condições objetivas nos empurram para não esperar consenso nesse campo e não dá para se dar ao luxo de, nesse ínterim,

sacrificar gente muito boa jogando fora talento e energia de sobra nessa discussão que é eminentemente acadêmica. O debate pragmático que parece pacificado é de que é melhor lutar por um dinamismo maior na produção cultural, a prática artística vista como atividade laboral, sem, necessariamente, a pretensão de uma genialidade e originalidade lotéricas.

No fundo, o que está em foco é menos a bela arte e seu poder de emocionar e de trazer à tona o que há de mais guardado do espírito humano – apenas para ficar com uma perspectiva hegeliana –, e mais um fazer artístico como necessidade produtiva de um povo. Nem tudo o que se faz em arte é, necessariamente, arrebatador. A preocupação é que, talvez, nem tenha que sê-lo para cumprir alguns de seus papéis primordiais. Nem investir tempo e dinheiro no garimpo, que aguarda de dedos cruzados o

surgimento de um virtuose para chamar de seu, nem numa arte como um “esporte” a ser praticado como num treinamento em série para produzir uma geração de campeões nas galerias, nos palcos e nas livrarias.

O que parece que Sergipe precisa é de acordar para o fato, este sim universal, de que arte é artigo de primeira necessidade, fonte de trabalho para muita gente e forte instrumento de divulgação e atração turística, mas como em qualquer atividade, para que aconteça são necessários investimentos constantes, planejados, sem padecer eternamente de uma hierarquia em que sempre perderá atenção frente a graves deficiências históricas e sistêmicas em setores como educação, saúde e obras, importantíssimos, mas nem menos, nem mais fundamentais que uma arte autêntica e produtiva que encante a vida, a nossa vida. **G**

* Hévio Dória Maciel faleceu antes da publicação deste artigo.



